



VCS

NOVEMBRO

domingo	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado

DETRAN  
CRONOGRAMA

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta

COISAS DO DIA  
NO TUDO

Estudo e Práxis

AUDRE LORDE Sem Sinais

SKETCHES NARRATIVAS SEM SINAIS

AUDRE LORDE HORA DO OUTSIDER

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**A ESCRITA DE DIÁRIOS COMO PRÁTICA DE LIBERDADE:  
por uma pedagogia da inteireza**

Gabriela Hammes Varela

Porto Alegre  
2021

Gabriela Hammes Varela

**A ESCRITA DE DIÁRIOS COMO PRÁTICA DE LIBERDADE:  
por uma pedagogia da inteireza**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre

2021



Políticas do Texto - UFRGS

**Pesquisa produzida junto ao grupo de  
pesquisa Políticas do Texto, vinculado ao  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Social e Institucional da UFRGS.**

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao grupo de Políticas do Texto, Amary foi essencial na escrita deste trabalho e Luciano que me ajudou a ter um rumo mais certo para finalizar as escritas com tranquilidade.

Agradeço a bell e Audre por trazerem uma revolução à minha vida e me mostrando que é possível ser inteira mesmo em locais que me despedaçam.

Agradeço a minha família por me ouvir reclamar e em especial a minha irmã Fernanda por toda vez que ia caminhar comigo, me ajudar a organizar as ideias que traria para essas escritas.

Agradeço a Helena e Manuela por serem perfeitas.

Agradeço a minha bipolaridade por não permitir que eu me acostume com o ordinário e agradeço aos meus remédios por me manterem sã.

Hoje é noite dentro de mim. É uma noite tranquila e com vento fresco. Noite de cinema. Hoje os clássicos do terror se passam em meu coração e eu não sinto medo, sinto fome. Hoje é noite dentro de mim. Preciso me mexer devagar e com cuidado pra não acordar ninguém. Meu coração dorme. Meus sonhos ocupam o olhar e eu me sinto flutuar como as estrelas. Hoje é noite dentro de mim. Noite sem lua, noite escura. A noite me esconde de tudo aquilo que me persegue, ninguém consegue me ver e eu descanso. Hoje é noite dentro de mim. Noite sem fuga, noite de sono. Hoje é noite dentro de mim, mas amanhã será dia.

Gabriela Hammes Varela, diário virtual

## **Resumo**

Este TCC busca, através do diálogo com autoras feministas (em especial com bell hooks e Audre Lorde), problematizar o tema da escrita de diários na formação de estudantes. A partir da assertiva de Carol Henisch, de que o “pessoal é político”, envereda-se por narrativas em primeira pessoa, produzidas em diários físicos e virtuais, escritos ao longo de 2021. A autora, licencianda em Ciências Biológicas, problematiza temas como: o uso do diário, a política do Estado em contraponto à dimensão pessoal, o pesquisar na pandemia e a presença de Eros na relação professora e aluna. Por meio de bell hooks, traz a ideia da educação como prática liberdade e a inteireza como conceito a ser buscado. A inteireza é apresentada como prática de liberdade, onde, através da escrita, os sujeitos possam expressar suas ideias, trazendo suas histórias, afetos, aprisionamentos e sensações. Trata-se de uma aposta na inteireza para que a própria pesquisa acadêmica se torne menos protocolar, para que a academia seja também as pessoas e não somente textos.

**Palavras-chave:** diário íntimo; bell hooks; escrita protocolar; inteireza; práticas de liberdade

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>2</b>
<b>2 DIÁRIO.....</b>	<b>8</b>
2.1 A IDEIA DE FAZER UM DIÁRIO.....	8
2.2 A FALTA DE AMOR DO ESTADO.....	10
2.3 A ALUNA QUE SOU E A ALUNA QUE DESEJO.....	13
2.4 TESÃO POR APRENDER.....	15
2.5 ME PERGUNTO SE EU SOU UMA PERSONAGEM QUE NÃO EXISTE.....	19
2.6 A PRÁTICA DE SI.....	26
2.7 É CULPA DO ESTADO.....	28
2.8 DIÁRIOS NEM TÃO SECRETOS.....	30
2.9 EDUCAÇÃO CIDADÃ.....	35
2.10 A REALIDADE PARALELA DAS FAKE NEWS.....	37
2.11 A ORTOGRAFIA É UMA CONVENÇÃO.....	38
2.12 COMENTÁRIOS PÓS APRESENTAÇÃO PARA A BANCA.....	41
<b>3 CONCLUSÃO.....</b>	<b>44</b>
<b>4 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi pensado para ser escrito em formato de diário, já que a ideia é abordar a escrita íntima na docência. Durante o texto eu interajo com uma personagem fictícia que representa minhas colegas do grupo Políticas do Texto que me ajudaram na reflexão deste trabalho. Essa personagem terá o nome de Amary que significa “árvore frondosa” em tupi.

Foi muito difícil para mim conseguir me ater à escrita porque eu sentia que precisava ler mais, entender mais o que eu queria trabalhar e isso atrasou demais meu processo. Fui apresentada a escritoras maravilhosas como Audre Lorde<sup>1</sup>, bell hooks<sup>2</sup> e Glória Anzaldúa<sup>3</sup>, são leituras muito diferentes daquelas que estava acostumada e foi então que entendi porque tantas pessoas não consideravam suas escritas como uma “escrita séria”, elas falam com o coração e de forma intensa e dificilmente encontramos artigos científicos “sérios” em que existe espaço para o próprio autor existir.

Justamente pensando nisso que meus escritos trazem uma grande quantidade de “eu”, tanto meus sentimentos e pensamentos com relação ao tema tratado quanto minha experiência pessoal. Certamente o que tem de mim nesse texto não traz nenhuma verdade absoluta e sim reflexões que eu tive ao longo das minhas leituras e escritas, reflexões que poderiam ser diferentes se eu refizesse tudo. Esse trabalho não é para ser um escrito em pedras, mas sim rabiscos na areia da praia.

Eu tive diversas ideias iniciais, uma delas era ler os TCCs de anos anteriores para trazer o que encontrava de escrita íntima nesses trabalhos. Infelizmente não consegui cumprir com essa parte do planejado e por isso não há qualquer referência a TCCs de anos anteriores nestes escritos.

Mas a ideia principal deste trabalho é pensar o empobrecimento da escrita em espaços acadêmicos e escolares devido à lógica empresarial que rege as formas de aprender e ensinar em nossa sociedade (CARDOSO, 2020)<sup>4</sup>. Com o objetivo de passar no vestibular e ENEM os

---

<sup>1</sup> Escritora e ativista pelos direitos das mulheres, mulheres negras e homossexuais. Nasceu em Nova York em 1935 e faleceu em 1992.

<sup>2</sup> Professora, escritora, artista e ativista antirracista estadunidense nascida em 1952. bell hooks usa seu pseudônimo em letras minúsculas por escolha artística. Com isso o objetivo dela é que o que ela escreve seja mais importante que seu nome.

<sup>3</sup> Escritora e estudiosa estadunidense da teoria cultural chicana, teoria feminista e teoria queer. Nasceu em 1942 e faleceu em 2004.

<sup>4</sup> Doutora da Universidade de Educação da USP e formada em psicologia pela PUCSP.

alunos costumam seguir uma “receita de bolo” para escrever suas redações sendo uma das regras a proibição de usar o “eu”, a não ser que o tema peça. Como separar o eu da minha escrita? “Não sou apenas um fragmento” dizia Audre Lorde. Tanto professores quanto o sistema que eles sustentam muitas vezes é autoritário e dominador, bell hooks sentiu isso desde a juventude até a vida adulta quando ingressou na universidade.

“Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você” (RICH, 1971)<sup>5</sup>, esse fragmento de poema fala muito bem sobre a experiência de diversas pessoas com a escrita em ambientes acadêmicos. Como estudante de letras que também sou, em uma prova de literatura a professora me deu uma nota baixíssima porque minha escrita é oralizada e isso é “inaceitável em ambiente acadêmico”, na prova seguinte precisei escrever no formato quadrado que ela exigia para conseguir passar em sua matéria. Me senti escrava de um padrão que não faz sentido e isso me trouxe muita tristeza porque eu escolhi cursar letras justamente por ter uma paixão enorme pela escrita íntima.

“Os estudantes reproduziam modelos consagrados, assimilavam padrões de linguagem e referenciais para interpretar o mundo e, assim, sua escrita limitava-se a ser caricatura deles mesmos” (CARDOSO, 2020). É essa escrita que é considerada a “correta” pela maioria dos professores, essa é a escrita protocolar e não permite o eu de participar e que produz textos pobres, carentes de criatividade.

Pessoalmente, a escrita para mim é tanto minha voz quanto minha fuga, escrevo desde os 5 anos de idade e fui “leitora de mim mesma” (CARDOSO, 2020) desde cedo e assim aprendi a escrever. Alunos e professores têm pouca conexão espiritual em sala de aula, bell hooks se questionava, “o que fazer com o corpo na sala de aula?”. Professores precisam ser “seres desencarnados” (hooks, 2013) para poderem lecionar porque o amor e a conexão são mal-vistos, não há espaço para eles. Como ensinar os alunos a escrever colocando a si mesmos no texto se quem está ensinando não tem contato real com aquele aluno? Para o aluno escrever um texto em que ele se coloca nas palavras, é preciso o aluno ter conexão com aquelas palavras e para atingir essa conexão é preciso que a professora tenha essa proximidade com os alunos. O problema do ensino da escrita protocolar não é apenas a escrita em si, mas também o tipo de vínculo que professores e alunos criam.

---

<sup>5</sup> Professora, poetisa e escritora estadunidense nascida em 1929 e falecida em 2012.

Mudar a escrita acadêmica é um desafio enorme e começar pela mudança da escrita na base da educação escolarizada pode trazer uma mudança a longo prazo já que os estudantes que entrarão nas universidades terão tido uma experiência diferente em suas escolas. Grande parte do adoecimento mental durante o período universitário se deve à dificuldade de adaptação dos alunos às exigências acadêmicas (PINTO, 2021)<sup>6</sup> e isso leva à desistência de seguir os estudos de uma parcela dos alunos. A “escrita acadêmica” é um dos fatores de difícil adaptação para muitos e para mudar a realidade se deve educar as crianças para o futuro que desejamos e não de acordo com o presente que vivemos (HERMANN, 2005)<sup>7</sup>.

A escrita protocolar acaba criando sempre textos que se parecem muito entre si (CARDOSO, 2020) e não seria uma maldição divina ter que viver sempre a repetição do que já se conhece sem nunca poder inovar? “O Demônio se apodera não do corpo das feiticeiras, mas da alma dos seus carrascos” (MOTTA, 2001)<sup>8</sup> e pensando nisso que é importante trazer para o ideal de professoras e professores uma escrita mais livre para que os estudantes não sejam privados de desenvolver sua criatividade e estilos próprios.

Mas como, eu me pergunto, poderia a escrita garantir a reversibilidade das perspectivas e produzir, a partir da letra, uma verdadeira transformação? De que modo poderia a literatura atravessar-nos com uma ética?

Lina Meruane, *Tornar-se Palestina*, 2019

Figura 1 - Frames do vídeo-poema experimental de processo de pesquisa Autopoética/Alteropoética, 2020.



Fonte: (DAKA, 2021)

<sup>6</sup> Formada em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>7</sup> Graduada em filosofia pela UFSM e doutora em educação pela UFRGS. Atualmente é professora na PUCRS.

<sup>8</sup> Formado em filosofia pela UFRJ e atualmente é professor na UFRRJ.

A ciência não exige um tipo específico de escrita, quem exige é a academia. Como Aline Daka<sup>9</sup> mostra em seu trabalho, a ciência pode ser explorada através de diversos mecanismos artísticos e é tão válida quanto a ciência clássica. Esse artigo de Aline traz um pensar poético de si, o trabalho leva em consideração o corpo de Aline e a forma como ele lida com uma autoficção e é assim que surgem as imagens que compõem este trabalho. Tudo isso ocorrendo pensando que ela tem uma vida profissional institucionalizada e essa é a beleza do trabalho. Como um corpo institucionalizado existe no meio artístico?

Como dizia Audre Lorde, “um escritor é, por definição, um professor” porque a docência e a escrita estão intimamente conectadas. Audre Lorde defende a ideia de que não se pode ensinar alguém a fazer poesia, mas sim como reconhecer sua própria poesia e como aperfeiçoá-la. Cada pessoa tem sua própria história e seu próprio eu, isso gera um tipo de escrita que não deve ser padronizado, mas respeitado e estimulado a florescer.

A escrita de diários é uma prática que ajudou e ajuda diversas pessoas a desenvolverem sua escrita. Isso eu tenho em comum com bell hooks e Audre Lorde, nós escrevemos diários e essa escrita tão honesta e pessoal é a escrita íntima. Audre Lorde retirou a grande maioria de seus poemas de seus diários (LORDE, 2020), escritos que inicialmente eram apenas desabafos ou relatos de seu dia a dia acabaram em seu livro de poemas *A Unicórnio Preta* (1978).

A padronização da escrita acaba se tornando uma prisão interna que nos impede de simplesmente escrever (ANZALDUA, 2000) e é por isso que muitas pessoas dizem que não sabem escrever, elas nunca foram ensinadas a serem elas mesmas na hora de pegar um lápis. Como fazer algo sem ser quem se é? Como escrever deixando pedaços de si para trás? É preciso ser inteiro (LORDE, 2020) para poder se expressar.

Esse aprendizado de inteireza se transmite através da experiência pedagógica. A professora precisa ensinar isso aos alunos e alunas através da conexão que eles e elas criam como turma, a professora estando por inteiro na sala de aula e mostrando aos alunos<sup>10</sup> que elws<sup>11</sup> também podem estar por inteiro ali com ela.

---

<sup>9</sup> Formada em artes visuais pela UFRGS, educadora e participante do grupo Políticas do Texto.

<sup>10</sup> A letra “e” é usada para substituir o “o” ou o “a” de palavras binárias tornando a palavra neutra (neopronome).

<sup>11</sup> Neopronome que substitui a letra binária “e” por “w” tornando o plural neutro na língua portuguesa. Os neopronomes ainda não são reconhecidos pela gramática tradicional e por isso ainda existe uma enorme variedade de formas de utilizá-los, não é raro encontrar variação do “elw” para “ily”, por exemplo.

Um dos princípios centrais da pedagogia crítica feminista é a insistência em não ativar a cisão entre mente e corpo [...] Aquelas entre nós que, como estudantes e professoras, estiveram intimamente envolvidas com o pensamento feminista sempre reconhecerá a legitimidade de uma pedagogia que ousa subverter a cisão entre mente e corpo e nos permite estar presente por inteiro – e, conseqüente, com todo o coração – na sala de aula. (hooks, 2013)

A poeta como professora, a humana como poeta, a professora como humana. Elas me  
parecem a mesma  
(LORDE, 2020).

Somos ensinadas que não existe espaço para o afeto dentro de sala de aula como se fosse preciso esquecer nossas paixões para ensinar e para aprender, apenas mais tarde, fora de sala de aula, existe espaço para retomar o que sentimos (hooks, 2013). Na verdade, a sala de aula é uma criação tanto das alunas, quanto da professora e nela há espaço para tudo, até mesmo para Eros. Não precisamos fingir que parte de nós não existe para podermos ensinar e aprender, na verdade estarmos por inteiro em sala de aula proporciona um ensino e aprendizagem mais real e humano, uma conexão verdadeira com o aprendizado e com as pessoas envolvidas.

Ora, é preciso que o próprio cartógrafo esteja em movimento, afetando e sendo afetado por aquilo que cartografa. O cartógrafo cartografa sempre o processo, nunca o fim. Até porque o fim nunca é na realidade o fim. O que chamamos de final é sempre um fim para algo que continua de uma outra forma. Se não conseguimos enxergar movimento é porque alguma coisa está impedindo, e lançar o olhar para isso é também função do cartógrafo. A cartografia é, desde o começo, puro movimento e variação contínua (COSTA, 2014).

Com o objetivo de acompanhar o processo de escrita (COSTA, 2014), conexão com uma escrita diferente da protocolar e também a possível conexão entre alunos e professores, a cartografia traz possibilidades mais amplas. Com o objetivo de fazer parte da pesquisa e não apenas olhá-la de fora, de ser caminho para fluxos de acontecimentos. Todo esse processo de escrita e participação requer estar por inteiro (hooks, 2013) envolvida. A escrita íntima se desenvolve não apenas na escrita de diários, a escrita de cartas também é considerada íntima em cartas pessoais.

Isso se aplica muito ao que eu e Amary produzimos neste TCC. Aqui não se manteve as cartas que Amary me escreveu ao longo do semestre, tem apenas as minhas respostas e é por isso que vocês lerão comentários sobre algo que ela disse ao longo do texto. Esse TCC se inicia então de forma epistolar e acaba se tornando uma escrita de diário à medida que eu continuei as escritas sem mais cartas de Amary.

O meu método de escrita foi desenvolvido por mim ao longo de toda minha vida. Desde antes de ser alfabetizada escrevia histórias através de desenhos, à medida que fui aprendendo a escrever mantive diários (desde os cinco anos) em que registrava meu dia a dia. Criei o hábito de ler o que já havia escrito e reescrevia por cima para deixar mais claro e foi através da leitura e reescrita de mim mesma que fui me tornando cada vez mais clara e amando cada vez mais o que produzia. Desde sempre eu escrevi conversando comigo mesma e muitas vezes escrevia falando com uma terceira pessoa misteriosa, justamente por isso meus diários têm um tom epistolar, assim como minha escrita aqui neste trabalho.

Justamente por esse trabalho ter sido pensado em um formato de escrita íntima, o tom utilizado é coloquial, eu escrevo sem me preocupar em seguir as normas padrões da língua, mas sempre preocupada em ser clara. Eu também sigo meu fluxo de pensamentos não trazendo sempre uma escrita linear, mas sim dentro da minha lógica em que faço comentários a respeito de situações pessoais, situações políticas e até mesmo pensamentos bobos que me surgem ao longo da escrita.

## 2 DIÁRIO

10/07/2021

### *A ideia de fazer um diário*

Oi :)

A ideia de fazer esse diário é um tranquilizante pra a alma. As vezes em trabalhos acadêmicos é como se a gente precisasse baixar um santo toda vez que vamos avançar. Fazendo desse jeito é como se a gente fosse o santo que tá escrevendo. É estranho escrever aqui, um estranho bom, mas que ainda sinto que tô me adaptando. Até a escolha da letra foi difícil, parecia que nenhuma fonte fazia sentido comigo e com a situação. Essa me faz sentir mais enquadrada.

Minha experiência com escrita íntima é engraçada porque ela é basicamente só o que eu escrevi, minha melhor amiga de infância e minha prima. Eu tinha essa conexão quando pequena de duas pessoas da minha idade que também escreviam diários e histórias. A gente se dividia os diários depois de escrever, lia os relatos umas das outras. Lembro um dia que eu não quis que minha amiga lesse e ela disse “tu escreveste mal de mim, né?” hahahahaha Sim, eu tinha escrito mal dela e foi a primeira vez que eu senti que precisava de total privacidade em meus diários.

Eu nunca li sobre a escrita íntima fora os breves textos que tu me passaste pra me basear no projeto de TCC.

Eu acabei de sofrer uma terrível distração porque tive que ir à rua me juntar ao painelão contra o Bolsonaro e tô meio esgoelada agora de tanto gritar a verdade. Bolsonaro genocida, né. Enfim. Eu sou assim na minha escrita, não linear.

Foi justamente com o curso de letras que eu descobri que existe muito a se ler sobre escrever. Eu nunca tinha parado pra pensar que as pessoas discutem o processo criativo e atualmente tenho uma lista praticamente infinita de títulos para ler. E claro, meu desejo de fazer letras está totalmente relacionado com a minha escrita íntima, eu achava que como eu amo literatura e escrita letras seria pra mim. Eu não sei se eu estava certa sobre isso. Eu acho que só depois que vivemos totalmente a experiência podemos julgar e eu tô recém iniciando o 4 semestre (são 8), tem coisas boas e ruins...

Sobre o que é escrita íntima. Pra mim escrita íntima é toda aquela escrita que tu coloca um pouquinho de si. Como assim? No caso, eu tô no campo fazendo um trabalho e tô anotando observações... Desenhar uma florzinha do lado ou escrever opiniões sobre tédio, interesse, qualquer sentimento... Pra mim isso já traz intimidade.

Pra mim a escrita íntima traz sentimentos. Sendo mais direta. Mas obviamente preciso ler sobre pra formar uma opinião mais forte. Mais embasada.

Pensando agora em escrita íntima eu lembrei de quando estava como bolsista no Jardim Botânico e o meu orientador pediu pra eu descrever uma semente. Eu descrevi de um jeito direto. Seco. Igual outros autores tinham escrito. Prático. Meu orientador era um chato, queria colocar um monte de nuances na escrita, a semente não era “marrom”, pra ele tinha “tons amarronzados com detalhes...”, enfim. Eu acho que essa foi minha escrita mais “não íntima” da vida e sequer foi em português. O resto eu sempre coloco um pouco de mim, dos meus sentimentos.

Ah, voltando ao tema de letras. Eu quis fazer letras desde sempre, só que eu também queria fazer biologia. Eu achei que biologia era mais importante porque biologia é sobre a vida e letras não, por isso eu podia fazer letras depois. Não sei, explicação meio esquisita, mas foi como eu pensei.

Eu não li ainda sobre meu tema em lugar algum. No caso... Eu já li muitos livros, romances, que me fizeram pensar como é importante escrever. O livro O Dia do Coringa (1990) de Jostein Gaarder foi um que me fez refletir sobre isso na época da escola.

Preciso organizar minhas leituras. Eu ando muito presa na rotina de ver filmes (amo) e tenho deixado as leituras de lado. Preciso me organizar.

É bom como eu me sinto conectada contigo. Obrigada



28/07/2021

*A falta de amor do Estado*

Oi :)

Então. O caos se instaurou na minha vida nesse mês. É difícil confiar nesse diário sabendo que ele também é meu TCC, mas eu vou fingir um momento que não é pra fazer um desabafo. Desde 2018 eu sofro de depressão e a vida inteira sofri de algo que eu declarava como “minha loucura”. No início desse ano eu aceitei (sim, foi um processo) o diagnóstico de bipolaridade. Às vezes a gente pensa que um diagnóstico é como o final de uma história, como se dessem um spoiler do final, sabe. Mas pra mim está sendo bem diferente, é mais um entendimento, tipo quando tu vês um filme tipo *Donnie Darko*<sup>12</sup> ou *Sr. Ninguém*<sup>13</sup> e aí depois de assistir tu vais no YouTube procurar uma explicação, aí quando tu entende tu ficas tipo “aaaaataaaa, agora entendi”. Eu tô num processo longo de “ata”.

Eu tô falando isso porque me afeta diretamente na escrita, nos estudos, na vida. Tô a umas 3 semanas imprestável, estava dormindo umas 14h por dia e as horas acordada eram em estado catatônico sem entender por que eu existo ou melhor, por que eu *ainda* existo. A melhora veio com a psiquiatra reconhecendo uma crise depressiva por causa de um gatilho que tive no final de junho. Sabe, todo mundo fica triste com situações da vida, é normal, a diferença comigo é que aconteceu algo que me deixou triste e eu fiquei mal sem melhorar, mesmo a situação já tendo sido resolvida. Por causa disso mudamos a dosagem da medicação e pliiiiim, mágica! Estou quase normal de novo.

Tu comentaste sobre a vida que transborda os textos, que transborda a academia. Nem sempre essa vida é como a gente espera, né, mas ela certamente está presente e tem consequências. Eu sei que tu me disseste pra ler Audre Lorde, mas eu fiquei tentada demais com o livro *Ensinando a Transgredir*<sup>14</sup> da bell hooks e por um motivo bem infantil, o título parece tão legal! hahahaha Eu comecei por aí e logo no início me deparei com um comentário dela que me fez lembrar de outro livro! Ela fala como o ensino passou do conhecimento pra a informação buscando resultados financeiros com a profissionalização dos alunos ao ensino

---

<sup>12</sup>Filme de ficção científica e mistério que trata sobre viagem no tempo e também distúrbios mentais lançado em 2001.

<sup>13</sup>Filme de 2009 que conta a vida de um menino que precisa escolher entre viver ou com sua mãe ou com seu pai quando eles anunciam o divórcio.

<sup>14</sup>*Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. bell hooks (2013). Neste livro a autora fala sobre suas experiências em sala de aula, tanto como aluna como professora. Ela fala sobre outros pensadores da educação que a influenciaram enormemente como Paulo Freire e Thich Nhat Hanh.

técnico. Tem esse livro, que eu já comentei contigo, chamado *Sem Fins Lucrativos*<sup>15</sup>, ali uma pesquisadora fala como temos esnobado o ensino de humanas pra dar preferência ao ensino técnico e que assim deixamos de formar cidadãos já que as pessoas deixam de ter a capacidade de questionar, discutir, interpretar o que está a sua volta e até mesmo a si mesmas.

Outra coisa que a bell traz é como nas universidades precisamos obedecer as "autoridades". Eu sou uma pessoa reativa e já me incomodei imensamente com isso e tenho certeza que vou seguir me incomodando. O pior pra mim foi essa professora de literatura que baixou muito minha nota porque minha linguagem tinha traços de oralidade e isso era inaceitável em um documento como uma prova. Eu discuti com ela, eu fiquei tão furiosa. Não adiantou, óbvio, a professora que tem sempre a razão. No final do semestre (agora em julho) eu escrevi na avaliação ao professor (que vai diretamente pra ela) que ninguém controla ela dentro da universidade pra decidir como vai ser a avaliação. Ela que escolhe. E é ela quem decide se vai validar minha escrita ou não. Eu disse como aquilo me feriu, disse como eu assisti todas as outras aulas com ódio e disse que a única pessoa culpada pela minha nota era ela porque na mente dela minha escrita não era aceitável. Se eu começar a falar nisso fico com sangue nos olhos hahahaha Enfim.

Já minha experiência na docência como professora é muito gratificante e também cansativa. Preparar aulas, pesquisar sites, jogos, atividades online pra os alunos... Eu dei aula no formato tradicional, presencialmente e também dei aula no estilo remoto pelo Meet. Eu só dei aulas de biologia até hoje, nunca na área da letras (tenho até medo do dia que eu precisar dar aula nessa área porque me sinto totalmente incompetente). Primeiro professora em um cursinho pré-vestibular popular em Viamão e depois nos meus estágios obrigatórios eu dei aula em escolas públicas de Porto Alegre de forma remota. Sempre depois das aulas, em ambos os formatos, eu sentia como se tivesse espremido meu cérebro e dado o líquido pra os alunos tomarem (nossa, isso ficou muito nojento de imaginar hahahaha). Mas com todo esse cansaço, quando eu percebia que os alunos estavam acompanhando, quando eu percebia que tinha acertado na metodologia, nossa, a satisfação e orgulho dos alunos era gigantesco! Além de que eles eram tão amorosos comigo, tão doces! Me deu muita tristeza o fim do meu tempo com cada turma, a incerteza se a próxima professora seria dedicada...

---

<sup>15</sup> *Sem Fins Lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*. Martha Nussbaum (2017). Neste livro Martha fala sua experiência como estudiosa da educação ao perceber a mudança de foco da educação que se preocupava com as humanidades e passou a valorizar muito mais o ensino técnico.

É... se relacionar com pessoas não é fácil. Pelo menos não pra mim, nunca foi. E quando eu me envolvo emocionalmente dá vontade de proteger as pessoas com unhas e dentes. Proteger principalmente do próprio Estado que parece fazer de tudo pra piorar cada vez mais a situação da população. Tu viste que o Bolsonaro vetou um projeto de lei que ia ampliar o número de medicamentos contra o câncer que planos de saúde eram obrigados a oferecer aos pacientes? Oferecer sem custos adicionais, no caso. A preocupação dele era que seria ruim pros convênios. Esse tipo de notícia me convence da falta de amor do Estado para com a população.

É isso que tenho pra falar hoje.

Também vou me esforçar pra seguir mais assídua nas leituras.

Falar contigo aqui é como um abraço escrito.

05/08/2021

*A aluna que sou e a aluna que desejo*

Eu li o que tu escreveste, mas eu vim escrever meio sentindo uma avalanche de pensamentos, então eu vou primeiro falar da avalanche.

Eu me sentei pra continuar lendo o *Ensinando a Transgredir* e comecei a ter uma crise existencial. A bell fala no primeiro capítulo<sup>16</sup> que os ensinamentos de Paulo Freire fizeram ela ter certeza de que os alunos devem todos ser ativos em sala de aula e eu comecei a pensar em mim mesma.

Eu tô fazendo seis cadeiras da letras, o TCC II da biologia e uma cadeira da bio (biologia, sexo e gênero, muito legal!). A questão é que eu fiz um cronograma realista (com tempo pra eu não enlouquecer e tal) pra eu dar conta de tudo que eu quero dar conta. Aí eu estava assistindo a aula de Docência IV da letras e como eu estava entediada. A professora falando e falando, aí que saco. Aí o cachorro da professora latindo e ela explicando que o marido dela tinha voltado a trabalhar e era ele que ficava com os cachorros quando ela estava dando aula e eu só fiquei pensando “mano, eu não tô nem aí pro teu cachorro ou pro teu marido, não tô nem aí pra tua existência, eu só quero que acabe... Só quero que essa aula insuportável termine”. Só pra esclarecer um ponto. Minha psiquiatra diz que eu sou “antipática patológica” (sério, ela usou esse termo e eu achei genial) e eu tenho momentos de extrema falta de paciência. Eu nunca sou grosseira com as pessoas verbalmente, tudo acontece dentro da minha mente e por fora eu sou falsa e convenientemente querida.

Figura 2 - Desenho “Morte ao Tédio”.



Fonte: diário da autora.

<sup>16</sup> Pedagogia engajada, página 25 a 36 de *Ensinando a Transgredir*.

Bom, a aula continuou um saco e o que aconteceu? Eu pensei “vou assistir na cama”. Nunca ouça esse tipo de pensamento, nunca dá certo. Eu dormi até o final da aula e nossa, que sono reparador. Acordei com toda a energia pra vir escrever e ler. Mas daí justamente a leitura me fez pensar “qual meu problema?”.

Eu não sei se essa discussão deve ter um viés psicológico ou pedagógico. Eu não suporto pessoas que falam sem parar e eu fico me perguntando se foi isso que me fez ter ódio dessa cadeira. Lendo bell e Paulo Freire eu tenho muita vontade de dar aulas maravilhosas que integrem os alunos e eles participem, mas quando eu estou na posição de aluna... Eu não sou a aluna que eu mesma gostaria de ter na minha própria aula.

Quando eu dava aula no cursinho<sup>17</sup> eu conhecia cada aluno e sempre tentava chamar eles pra a aula, eles faziam várias perguntas. Era muito bom. Era presencial, né. Esse último semestre no estágio online eram sempre os mesmos guris que participavam e eu não consegui criar uma estratégia pra chamar mais as gurias, apesar de saber que elas estavam prestando atenção porque escreviam breves comentários no chat e faziam as atividades.

Eu me pergunto se eu sou uma péssima aluna por um excesso de impaciência e antipatia ou se aquele estilo de aula simplesmente não é pra mim. Não sei, agora eu estou bem perdida. Escrever sobre isso me fez sentir perdida.

Vou responder o que tu escreveste.

Sobre o que tu falaste de que quando lê notícias sobre a educação te dá vontade de não trabalhar mais com isso, eu te entendo. Às vezes quando vou pesquisar sobre meio ambiente eu só paro. Não suporto ler, ver as fotos... Tem até um simpósio pra falar sobre as queimadas que tão ocorrendo no Brasil e eu não vou participar porque não suporto ter que ouvir dados, ver imagens, falar sobre isso... Só me dá vontade de chorar. Mas daí eu penso que se eu não souber, eu que tô prestes a ser bióloga oficialmente, como vou ajudar as pessoas a entenderem a gravidade do que tem acontecido? Como eu vou mudar o mundo? Justamente o que tu disseste sobre o mundo sonhado.

Vou ler e ler e venho te falar, daí!

---

<sup>17</sup>Cursinho Pré-Vestibular Popular Zumbi dos Palmares, eu dei aulas de biologia por um semestre lá em 2016.

22/08/2021

*Tesão por aprender*

Eu não sou a aluna que eu gostaria de ter como aluna porque eu não tenho vontade de me integrar a turma. Eu não tenho vontade de ouvir meus colegas. Eu quero que todos fiquem quietos porque eu acho que muitas vezes as pessoas usam a sala de aula como sessão de terapia e eu não estou lá pra fazer terapia. Eu quero aprender coisas novas, não ouvir repetições e problemas de outras pessoas (que muitas vezes me parecem meio idiotas). Eu me sinto muito impaciente em sala de aula. Muito.

Mas... Eu tô fazendo uma cadeira da biologia que eu peguei meio por acaso. Eu olhei a lista de eletivas que tinha e escolhi pelo nome e eu dei uma baita sorte. Biologia, sexo e gênero, se chama<sup>18</sup>. Nessa cadeira eu não me sinto irritada com o compartilhamento das colegas e eu me sinto feliz em também compartilhar... Mas é porque a cadeira é uma construção, a gente conversa sobre biologia, sexo e gênero tanto dentro da sociedade quanto dentro da academia etc, é uma conversa ampla, sabe.

Não sei. Talvez seja porque as pessoas têm essa necessidade de fala, elas não têm com quem compartilhar, eu sei que é por isso que falam. Mas em cadeiras que temos um objetivo claro como, por exemplo, linguística ou anatomia vegetal, eu não quero saber das nuances da vida dos meus colegas. Eu só quero que o professor traga a informação e eu sinto que a fala dos colegas desvia a aula toda do objetivo que *eu* tenho determinado pra mim.

Mas quando eu sou professora... Tudo muda, sabe. Quando eu tô dando aula eu desejo que os alunos interrompam com suas nuances. Eu desejo que eles falem e deixem eu conhecer mais eles. Eu gosto. Eu gosto até da terapia em grupo.

Eu li o capítulo de Eros<sup>19</sup>. Da bell. Eu achei tão... bah. Eu achei tão necessário. Quando ela fala que a potência erótica não é só sexual e que as professoras não precisam ser “espíritos desencarnados” (hooks, 2013) pra dar aula eu fiquei com um sorriso no rosto. Foi divertido ler isso porque eu lembro um texto que eu escrevi falando que a paixão não é necessariamente

---

<sup>18</sup>A disciplina de biologia, sexo e gênero neste semestre de 2021/1 foi ministrada pela professora Helena Piccoli Romanowski. O objetivo dessa disciplina é estudar comportamentos diversos do reino animal como a homossexualidade, bissexualidade, transexualidade entre outros para desfazer a ideia social que temos de que o comportamento naturalmente correto é o heterossexual.

<sup>19</sup>Capítulo 13, Eros, erotismo e o processo pedagógico, página 253 de *Ensinando a Transgredir*.

sexual e que as pessoas não entendiam isso. Eu sou apaixonada pela minha melhor amiga e quando começamos a nos tornar íntimas eu vivia uma paixão cheia de picos intensos de felicidade e desejos de ir mais a fundo naquela relação. Ficava acordada até tarde falando com ela pelo WhatsApp e mandava mensagem de bom dia. Com o tempo ela foi ficando cada vez mais morna até se tornar amor, mas ainda assim às vezes a paixão é reavivada quando viajamos juntas ou simplesmente curtimos um bom momento. É estranho falar nisso pensando que nunca teve um lado sexual e quando ela falou sobre como Eros, o erótico é capaz de trazer tesão pra a sala de aula, o desejo primordial de aprender e crescer naquela aula... Eu amei, eu senti que não tô sozinha.

Eu fiquei pensando também em como os professores de cursinho (muitos que conheci) se aproveitam de alunas. Em cursinho não tem esse problema de relação que têm em escolas, né. Os professores claramente trovando as gurias depois da aula, ficando com elas em festas e eu conheço dois professores que se casaram com alunas! E tu vê isso com as mulheres? Dificilmente, o que eu acho muito correto a propósito, porque a maioria das alunas têm entre 17/18/19 anos e muitas vezes não entendem direito a maldade dos homens. As mulheres são ensinadas desde tão cedo a não serem mulheres em sala de aula, a serem professoras. Eu acho que é preciso encontrar um equilíbrio.

Minha tia (toda minha família por parte de pai é da Costa Rica e essa minha tia vive em San José) é pedagoga. Ela se aposentou (a primeira palavra que me veio foi “divorciou” hahaha Ela se divorciou do emprego) faz um ano e eu passei o mês de janeiro e fevereiro deste ano na companhia dela. A coisa que ela mais falava era como odiava a diretora da escola que trabalhava, que ela era uma mulher muito vulgar. Ela reclamava de várias coisas muito legítimas como excesso de demanda e tal, mas o que me marcou foi como ela dizia que a diretora era uma negra gorda que usava uma saia apertada que dava pra ver todo o contorno do corpo dela, usava decote e saltos. Ela achava um absurdo ela se vestir desse jeito, inadequado, vulgar.

Eu fiquei pensando... Minha tia é gorda e usa roupas masculinas largas que não permitem enxergar seu contorno. Ela nunca se casou ou teve filhos e vive desde jovem pra cuidar de meus avós (meu avô já morreu, atualmente é só minha *abuelita*<sup>20</sup>). O último namorado que ela teve faz mais de 20 anos. Considerando isso, faz sentido os comentários invejosos e

---

<sup>20</sup> Avó em espanhol

maldosos da liberdade que a diretora tinha. Ela nunca teve essa liberdade, ela foi criada desde jovem pra cuidar dos outros.

Ela é a mais velha de 5 irmãos. Ela é a única mulher. Ela é a única que cuida e cuidou dos meus avós. Ela cozinha, limpa, passa, lava, ela faz tudo e ela nunca reclama dos homens, das mulheres sim, sempre que pode. Meu tio sempre foi abusivo com a esposa e as filhas, por causa disso a minha prima é muito problemática. Foi expulsa de casa após uma vida de surras e de ver os roxos no corpo da mãe. Atualmente minha tia não quer nem ouvir falar dessa minha prima, mas é a primeira a dizer que “sabe os defeitos de seu irmão, mas ele melhorou muito”. Não existe perdão ou entendimento pra as mulheres que devem ser perfeitas, mas os homens... Eles com certeza fazem seu melhor.

Eu amo essa minha tia. Eu vejo como ela é inocentemente ignorante. Inclusive ela é anti-vacina. Sim, esse movimento não é apenas brasileiro ou estadunidense. Ela se nega a se vacinar. Eu a amo porque, independente do machismo que ela carrega e intolerância... Eu amo.

Só pra fechar, queria te dizer sobre a letras. Tu me perguntaste o que me pega na letras e o que eu não gosto. Eu basicamente odeio tudo sobre a faculdade de letras. Eu acho chato, desnecessário e muito chato. Mas eu amo a literatura. Não qualquer literatura, a aula de literatura com professores que trazem as nuances da vida, não que nem a professora de literatura do semestre passado que me criticou por escrever com traços de fala.

Eu odeio todas as cadeiras da educação que fazemos na letras da PUCRS porque eles nos ensinam como se fossemos realmente burros. Na real eu não sinto que aprendo qualquer coisa, a única coisa que sinto é ranço. Eu não queria fazer licenciatura em letras, mas só tem bacharel na UFRGS e como eu faço biologia na UFRGS não posso fazer junto letras, né. Eu não quero dar aula de português, talvez de literatura eu gostasse de dar, mas de português não. Eu tô contando nos dedos os semestres pra acabar letras e tenho uma lista no meu diário de todas as cadeiras de educação que faltam (eu listo meus futuros sofrimentos). Eu amo dar aula de biologia, mas de português... não. Minha experiência na FACED foi bem diferente da que estou tendo com a educação na PUCRS. A FACED sempre me fez sentir que ali tinha espaço pra tudo, espaço pra crescer e ser honesta. Tive cadeiras que foram mais entediantes da FACED, claro, mas não lembro de ter uma cadeira que me fizesse sentir ranço.

A biologia pra mim me pegou de todos os jeitos. Eu amo biologia, eu acho que não teve uma cadeira que eu tenha de fato odiado (tá, teve uma que era totalmente inútil, mas sempre tem,



né) porque eu sempre sentia que aprendia algo de fantástico. Desde criança eu amava curiosidades. Por exemplo, sabia que a bananeira é subterrânea? O que vemos sobre a terra na verdade são apenas as folhas da bananeira e seu caule está sob a terra. Ou que diversas fêmeas de insetos são capazes de receber esperma de um macho e avaliar se gostou ou não, se ela julga um mau esperma ela descarta e procura outro macho! Eu acho isso tão fantástico e logo eu pendo pro lado literário. Me imagino fazendo contos a respeito dessas curiosidades estranhas. Enfim.

Bom, falei um monte! Foi muito bom!

Ah, deixa eu contar um sonho engraçado/terrível que tive. Eu sonhei que o Bolsonaro tinha instaurado uma ditadura no Brasil e eu tinha virado uma escrava. Daí ele estava obrigando-me e outros escravizados a construir pirâmides pra ele. Eu estava no sonho pensando “pra quê ele quer pirâmides? Vai fazer o que com elas?” enquanto era obrigada a levar toras pra rolar embaixo de pedras (como se eu estivesse vivendo o Egito antigo). Eu dificilmente sonho com relação a pandemia (que estou sem máscara ou que estou doente), mas com o cenário político brasileiro é bem comum.

Pensando justamente nesse sonho preciso comentar rapidinho sobre estar fazendo esse TCC em meio à pandemia. Primeiramente, eu nunca imaginei que algo assim poderia acontecer, ninguém pensou, tudo isso que está acontecendo é coisa de filme apocalíptico e acreditar da seriedade de tudo isso é difícil se tu não acompanhas as notícias. No início desse ano eu senti que precisava ter argumentos melhores pra estar odiando esse (des)governo e então passei a ouvir muitas notícias em formato de podcast, foi assim que eu entendi a gravidade de tudo e senti aquele frio na barriga. Não poder me encontrar com meu orientador pessoalmente certamente tirou um gostinho doce desse trabalho, aliás eu escolhi um tema que não precisasse de pesquisa com pessoas justamente pela dificuldade de entrar em contato com qualquer um em meio a esse caos. Meus últimos dois anos de estudos se resumiram à minha escrivinha.

Figura 3 - Escrivadinha da autora.



Fonte: autoral.

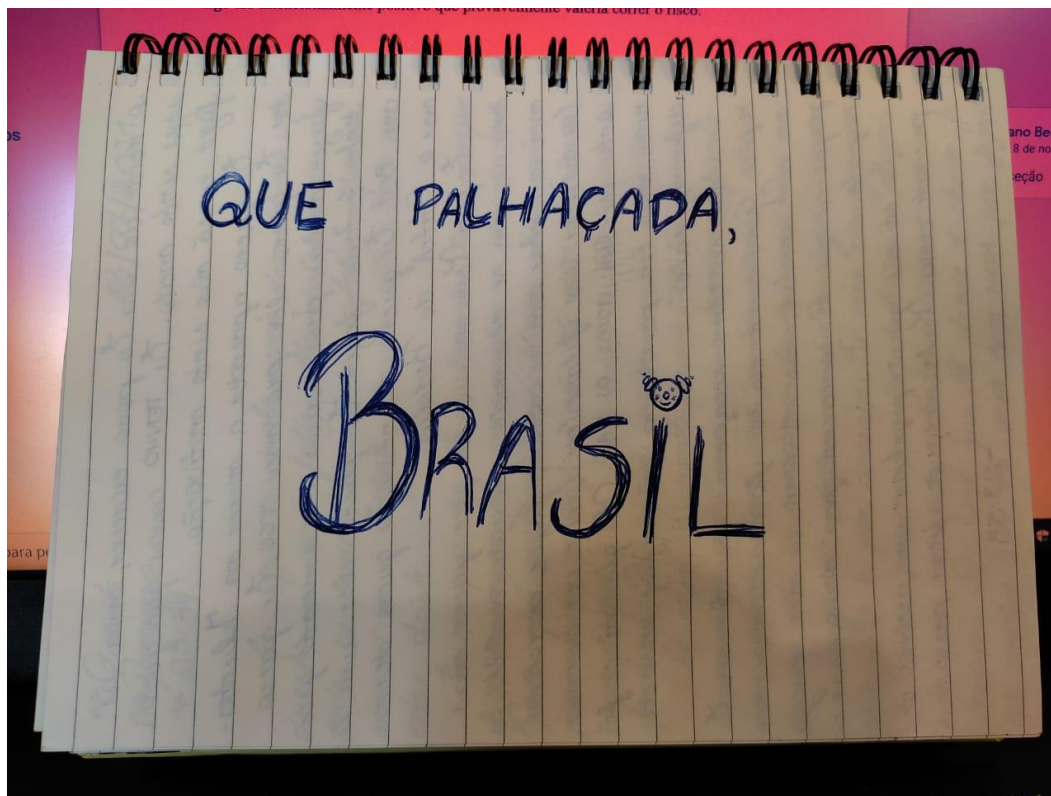
06/09/2021

*Me pergunto se eu sou uma personagem que não existe*

Eu tô nervosa. Eu me sinto cheia de coisas pra fazer, uma delas é conseguir ajeitar os meus créditos complementares. Pensar nas coisas que eu tenho que fazer me dão vontade de vomitar. Nem é tanta coisa, é algo totalmente fazível, porém me sinto assim.

Hoje é feriado, né. Amanhã é 7 de setembro e vão ter manifestações contra o governo e a favor. Eu não consigo entender como esse governo se elegeu, um homem que fala que o mais importante é ter fuzil e não feijão no prato. É como se o Brasil estivesse vivendo um momento esquizofrênico. Tudo que tem acontecido parece esquizofrênico. A pandemia, as mudanças climáticas, os comentários do presidente....

Figura 4



Fonte: diário da autora.

Tu insististe tanto pra eu ler Audre dizendo que eu ia me identificar. É muito verdade. Ela é intensa, ela é inteira e radicalmente honesta. Eu tô adorando ler ela, é muito estranho, na real. É estranho finalmente encontrar essas mulheres, sabe, eu me sentia tão sozinha antes nas minhas escritas, no meu caminho como escritora. Agora eu sinto que eu tenho amigas hahaha Bem assim, amigas porque apesar de eu nunca vir a conhecer elas pessoalmente, é como se fossemos íntimas.

Apesar da Audre ser maravilhosa, tem várias coisas que ela diz que eu discordo. A que mais me chamou a atenção foi os comentários de que o sentir é um espaço feminino (LORDE, 2020<sup>21</sup>). Eu não acho que o sentir é um espaço feminino ou sequer um espaço predominantemente feminino. O sentir é algo que todos carregamos e que muitos não exploram por diversos motivos. Mas obviamente esse meu entendimento é de uma leitura que eu não tenho profundidade e conheci a pouco tempo, Audre não é realmente alguém que eu sinta que entendi totalmente simplesmente pelo tempo curto. Justamente por isso eu preciso dizer, como

---

<sup>21</sup> Livro Sou Sua Irmã, parte 2, minhas palavras estarão lá.

Amary me apontou, que provavelmente meu entendimento a respeito desse comentário de Audre é muito imaturo.

Eu não gosto dessa coisa de conectar o sentir ao feminino... Eu não gosto da ideia de que o feminino ou masculino são ligados a qualquer questão específica. Eu acredito que cada um tem os seus femininos e masculinos em construção única e própria, mas novamente friso que meu entendimento da literatura e da vida em geral está absolutamente contaminado pela lógica capitalista machista branca e minha percepção, meu entendimento é apenas aquele que eu sou capaz de ter considerando que tem diversas barreiras que ainda não consegui transpor e muitas leituras que precisam ser feitas. Algo que ela fala que concordo plenamente é que o sentir foi desvalorizado, considerado uma fraqueza e por isso muitos se afastam dele querendo se encaixar em um padrão de sociedade que dá benefícios àqueles que são objetivos e... quadrados.

Ela também fala que o amor geralmente é dor (LORDE, 2020) e eu discordo fortemente. O amor é amor. Dor é dor. E amor certamente não é dor, dor são machucados, amor não machuca. Muitas pessoas acreditam que amor machuca, que amar também é brigar, bater, recriminar, conter... Isso não é verdade, isso é um relacionamento abusivo, inclusive entre pais e filhos. Pais que batem, pais que não deixam seus filhos se expressarem, pais que fazem jogos psicológicos... São maus pais. O amor não machuca. É verdade que o amor pode fazer sacrifícios como por exemplo uma mãe/pai que se mata de trabalhar pra dar o melhor ao seu filho, isso é amor.

Não quer dizer que as pessoas não possam cometer erros, né, mas é bom saber que existe um limite. Espancar uma criança por algo não é um erro, é um crime. Erros não deixam traumas pra toda a vida, erros podem ser consertados e só são erros se são corrigidos, senão é simplesmente má índole.

Mas mais uma vez preciso dizer que eu não sou ninguém pra criticar Audre e Amary me fez a pergunta “mas de que amor tu está falando? E de que amor ela está falando?”. Isso me faz pensar que sou pouco abrangente a amores e dores. Uma mãe que está grávida em uma gestação de risco e precisa ficar deitada por meses pro bebê não correr risco está passando por muita dor e certamente ser mãe envolve muita dor também no momento de se doar ao filho, ter de abrir mão de muito. Então eu penso que o amor não dói em geral, mas pode doer. Aqui já

deixo registrado como em um parágrafo eu posso ter um entendimento e ao longo da reflexão esse entendimento pode simplesmente mudar.

É muito interessante todos meus comentários a respeito da Audre porque ela diz “se o que tenho a dizer está errado, então alguma mulher se levantará e dirá ‘Audre Lorde estava errada’” e que se ela errou foi absolutamente íntegra em todos os seus erros porque seguiu o seu princípio de ser inteira, de não ser apenas um fragmento (LORDE, 2020).

Outra questão que ela comenta que eu achei fortíssimo é “não devemos celebrar a vitimização porque existem outras formas de ser negro” (LORDE, 2020), quando li isso eu fiquei simplesmente boquiaberta e também me lembrei da Chimamanda em seu TedTalk sobre o perigo da história única<sup>22</sup>. A Chimamanda conta que ela escreveu uma história com um personagem Nigeriano e seu professor comenta que a história é “pouco característica” porque o personagem não está morrendo de fome ou sofrendo algum tipo de violência. O professor não reconhece aquela história porque pra ele não existem cidadãos do continente africano que tenham vidas comuns de classe média. Eu também lembrei de todos os meus colegas negros e, por fim, acabo sempre pensando na minha própria raça.

Eu me considero um cão vira-lata que os veterinários colocam na carteira de vacinação “sem raça definida” hahahaha Minha pele é marrom claro, meu cabelo é cacheado revoltado e meu nariz é largo (não exagerado, mas é). Minha mãe é branca, descendente de alemães e meu pai é da Costa Rica. Ele é marrom mais escuro que eu...

É engraçado como diversas pessoas se sentem autorizadas em me dizer o que eu sou ou não sou. Diversas pessoas que enquanto conversavam comigo diziam que eu sou branca (e muitas vezes eu não rebati) e inclusive discutiam comigo dizendo que sou branca. O argumento que adoram usar é “porque a maioria das pessoas aqui no Brasil tem a pele num tom parecido do teu, por isso tu és considerada branca aqui no Brasil”. Gente, eu tenho um contra-argumento muito simples e óbvio. A maioria das pessoas no Brasil são não-brancas e isso mostra como o racismo está focado em cores mais escuras e características físicas mais específicas como o cabelo afro. A minha cor não muda dependendo do país em que eu estiver, não é porque estou no Brasil que sou branca, mas quando vou prum país europeu me torno... Bom, não-branca.

---

<sup>22</sup> The danger of a single story, Ted Talk.

Uma situação que eu achei engraçada ocorreu com minha psicóloga. Eu sempre conversei com ela sobre minha síndrome do cão vira-lata e um dia ela me disse algo tipo assim: “minha filha que tem mãe negra (minha psicóloga é negra) e o pai branco, ela é negra! Tu que tem a cor marrom é mestiça”. Eu lembro que me senti ultrajada (não tem palavra melhor) quando ela disse isso. Por que a filha dela que tem pais um branco e outro negro é negra e eu sou mestiça? A filha dela também é mestiça! Isso não é justo! Me senti escanteada de novo.

Eu já tentei encontrar boas definições pra minha raça, mas a verdade é que eu não consigo achar nada que me deixe satisfeita. Dizer que sou não-branca é algo extremamente não específico, é tipo alguém chegar pra ti e perguntar “de que país tu vem?” e eu dizer “eu não venho da China”. Tipo, tá e então de onde tu vens? Eu certamente não sou negra (às vezes até disso eu duvido em meus momentos mais inconstantes) e eu certamente não sou branca. Eu não tenho raça definida.

Minha família tem uma vida muito confortável e eu me pego me perguntando se eu seria parte desses personagens que não cabem na história porque não estão em situação de precariedade. *Me pergunto se eu sou uma personagem que não existe.*

Bom, mas tem muito mais no que Audre fala que me deixa pensativa. Algo que ela traz com muita intensidade é como o sentir pode ser tipo um superpoder porque quando a gente sente e entende como o sentir deve nos guiar somos capazes de mudar nossa vida. No momento em que percebemos que não estamos satisfeitos, que estamos sofrendo... Podemos refletir o motivo e então tomar decisões pra mudar, melhorar, crescer. É basicamente isso, sentir nos leva a evoluir (LORDE, 2020). É simplesmente genial. Muitas vezes a gente quer submeter o nosso sentir a razão quando devia ser o contrário, as situações que devem ser submetidas ao rigor do sentir e se não estiver bom, devemos tomar providências. Imaginem como todo mundo seria mais feliz se tivesse esse norte em sua vida?

Mas logo em seguida ela diz que a arte não tem sentido se não estiver dentro de um protesto social (LORDE, 2020) e eu entendo que ela fala que isso é algo pessoal, ela diz “a arte pela arte realmente não existe para mim”. Considerando que o privado é político<sup>23</sup> entendo que ela acredite que tudo que é produzido por um ser humano acaba sendo uma forma de expressão política... No entanto existe a natureza e eu vejo a natureza e sinto arte. Claro que podemos

---

<sup>23</sup> Carol Hanisch discute como é difícil falar sobre a vida como ela realmente é e não como fomos ensinadas a falar porque no momento que fazemos isso percebemos que nossa vida particular é extremamente política uma vez que os problemas da sociedade se refletem em nossa vida pessoal.

politizar isso. Tudo pode ser politizado, literalmente tudo. Mas quando escolho não politizar eu ainda encontro sentido nela. Mas claro que como a arte existe sempre através de nós e os humanos são sempre seres políticos, então é absolutamente impossível separar o entendimento da arte da política.

O que eu quero falar de Audre e não consigo sem incorrer em terríveis armadilhas que me levam a uma lógica misógina, colonialista e absolutamente indesejável é o seguinte. A sociedade é excessivamente machista, racista, colonialista e preza ideais que não fazem verdadeiro sentido (pessoas pró vida que são contra o aborto, mas culpabilizam mães sobrecarregada e despreparadas). Audre percebeu e reconheceu tudo isso (e certamente ela foi muito além, mas eu não sou realmente conhecedora pra falar muito mais que isso, porém sei que ela foi além) e ela foi capaz de se expressar na mesma proporção que se sentia atacada. A sociedade a atacava direta e indiretamente e ela respondeu a isso com força, como é preciso fazer. Eu iniciei essa reflexão usando palavras muito equivocadas e tentando corrigir de um jeito que não foi nada melhor, mas Amary me pontuou várias vezes esse erro e eu fiquei simplesmente paranoica tentando entender, corrigir e me sentindo muito culpada pelos meus erros. Envergonhada. Eu demoro pra aprender, sabe, eu preciso desse tempo, eu sou muito teimosa. Eu espero poder fazer jus ao que Audre representa e espero ter conseguido superar esse erro que não parava de repetir.

É impossível escrever com inocência. Encontrei um trecho de um livro que expressa melhor como eu vejo Audre. O livro se chama *Novas Cartas Portuguesas*<sup>24</sup>.

Porque rompem, extravasam. Daí que as *Novas Cartas Portuguesas* se caracterizem antes de mais pelo excesso. Excessivas as situações, excessivo o tom, excessivas as repetições dum mesmo acto, excessivo afinal todo o livro que vai terminando sem realmente terminar, como se tal excesso não coubesse nas dimensões normais. Nesse excesso - que não o é, aliás, apenas deste livro, mas de todo o movimento neofeminista dos últimos anos - reside, afinal, a grande ambiguidade que fez com que as fronteiras entre o erotismo e a pornografia fossem consideradas ultrapassadas [...] acontece o excesso como qualificativo de tudo, mesmo do que na relação homem/mulher é tido como quotidiano. Acontece o excesso na forma de tudo dizer tão proximamente que fica a impressão de ouvir a cada passo “nesse acto eu sou”. Acontece o excesso na ousadia de serem mulheres a quebrar os limites, a inverter a situação sujeito/objecto

---

<sup>24</sup> *Novas Cartas Portuguesas* é um livro escrito por três autoras na época da ditadura em Portugal. As autoras são Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. Esse livro foi considerado subversivo na época e foi inclusive proibido.



universalmente adquirida (ao apropriarem-se de situações até hoje só ditas por homens, as autoras “matam” de facto alguém: matam o fantasma do homem-senhor que paira no horizonte afectivo das mulheres. E matam-no com as próprias armas que o homem utiliza para dominar a mulher)

Audre é verdadeiramente uma poeta. No texto dela é fácil encontrar frases curtas com enormes significados e isso fala muito sobre a capacidade dela de introspecção. Já citei algumas que gostei, mas essa que vou citar agora é minha preferida até então! “A arte não é a vida. É um uso dela” (LORDE, 2020).

Figura 5 - Quando criança a autora sempre desenhava a casa onde mora, um dia em um sonho havia uma enorme festa nos fundos da casa e é isso que se encontra representado no desenho a seguir.



Fonte: diário da autora.



19/10/2021

*As práticas de si*

Escrever esse TCC me faz sentir sozinha. À medida que vou lendo a respeito do meu tema eu me sinto mais e mais sozinha. É como se eu estivesse no subterrâneo com um grupo de pessoas estudando educação e à medida que eu vou me aprofundando na escrita íntima, em bell, Audre e ideias diversas, eu escolhesse túneis cada vez mais inabitados e até esquecidos. Desconhecidos. Eu tenho medo de acabar encontrando o final do túnel... E precisar cavar pra continuar. A ideia de ser a primeira pessoa a dizer algo ou ser a primeira pessoa a fazer um trabalho de tal tipo, com tal tema e tais ideias, isso me assusta. Eu não quero ser pioneira em nada, eu não quero cavar o túnel, além de trabalhoso me parece realmente assustador.

Sabe uma coisa que eu acho engraçada. Os gregos antigos, Aristóteles, Platão etc, essa galera, eles pegaram e escreveram um monte de coisas, tipo *A República*<sup>25</sup>, só filosofando ao redor de pensamentos hipotéticos. Claro, não é uma filosofia simples porque ele cria uma lógica própria quando fala da “sociedade ideal”, por exemplo. Só que quando tu para pra pensar nas ideias da República, da sociedade ideal em que somente pessoas selecionadas se reproduziriam e as crianças não seriam criadas por seus pais biológicos, mas pela comunidade e tal... É uma ideia realmente fantasiosa, não é algo realmente aplicável na vida. E até hoje estudam e leem *A República*, eles nem referências colocavam nos textos hahahaha Eles *são* a referência.

É lógico que obras antigas tem enorme valor, eu só acho estranho pensar que nós construímos a ciência atual, cheia de suas referências e regras, em cima de textos que não tinham nada disso. Isso me gera dúvidas como: será que eu poderia criar uma ciência nova do zero? E eu imediatamente acho que não porque ninguém aceitaria minha ciência.

O mais louco é que Platão realmente propôs pro governo da época colocar em prática a ideia dele de sociedade ideal, mas eles não aceitaram. Ele devia se sentir realmente incompreendido.

Nas minhas leituras, Amary me propôs a leitura de um artigo de Luciana Gruppelli Loponte<sup>26</sup> chamado “Amizade: o doce sabor dos outros na docência” e eu comecei a me sentir

---

<sup>25</sup> Livro escrito por Platão em IV a. C.

<sup>26</sup> Pesquisadora e professora adjunta do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS

nervosa. Eu nunca fui muito boa com amizades, eu sempre era honesta demais, direta demais e por ser assim passei a preferir ficar em silêncio pra não falar bobagem e por isso escrever acabou sendo meu refúgio. Mas então Foucault diz que entre as “práticas de si” (eu amei esse termo) estão a escrita e a amizade.

Pra mim é muito claro porque escrever é uma prática de si. Tu praticas a si mesmo escrevendo, é tipo dançar. Amizade também faz muito sentido já que é com o corpo e o espírito que nos relacionamos com os outros praticando quem somos. Mas então ela faz perguntas sensíveis pra mim como “que outro faz parte da nossa vida? Que outros existem além das relações de parentesco, das relações familiares?” porque a resposta é basicamente “meus cachorros”. Eu tenho amigos, aqueles que falamos e vemos uma vez no ano ou que interajo por redes sociais como o Instagram respondendo Storys. Mas eu não tenho amigos além disso que não sejam da minha família. Sou super próxima de minhas irmãs e irmão, eles são meus amigos. Mas realmente na minha vida não existe muito além das relações familiares e eu me sinto contemplada quando diz que vivemos em uma cultura plenamente narcísica de individualismo exacerbado justamente porque não apenas minhas únicas relações são familiares, mas também porque eu não quero que isso mude. Eu não quero amigos que fiquem demandando de mim, mesmo que pouco. Eu quero viver minha vida só pra mim mesma, ficar tranquila com meus cachorros e deu.

Mas daí ela fala sobre a amizade na educação e eu começo a me perguntar se minhas relações pessoais, ou as minhas não relações pessoais de amizade podem acabar sendo um ponto de fraqueza na hora de entender e pensar a educação. Pensar a amizade como forma de subjetividade e pensar a amizade como política me enche de dúvidas. A ideia de que o Estado traz uma política individualista que nos afeta inclusive em nossas vidas pessoais é algo que me parece verdadeiro, eu acho que toda a política que o Estado nos propõe está diretamente relacionada com o nosso sistema econômico capitalista.

20/10/2021

*É culpa do Estado*

Eu terminei a minha escrita de ontem pensando que tinha feito uma péssima reflexão, mas hoje, relendo (como leitora de mim mesma, como a Sílvia Galesso Cardoso fala em “A produção de texto para ingressar no ensino superior: os desafios da docência perante uma escrita protocolar”), percebi que não, que está bem. Como é importante ter um certo distanciamento do texto pra podermos perceber ele melhor. Provavelmente pensei que tinha escrito mal porque terminei a escrita me sentindo mal justamente pela questão da amizade que comentei anteriormente.

Eu fiquei refletindo como o capitalismo molda nossa sociedade, fiquei me perguntando se meu jeito narcísico é culpa do Estado. Eu obviamente não tenho a resposta pra essa questão, mas é muito interessante pensar como um sistema econômico cria uma política de Estado que consequentemente afeta nossas vidas pessoais. Nossas amizades e relacionamentos.

É interessante como Foucault fala da amizade como se ela também fosse uma relação competitiva, porém disfarçada. Eu realmente acho que a maioria das amizades é mesmo uma competição, quantas pessoas simplesmente não sabem ouvir o outro e só falam de si infinitamente, é realmente uma competição conseguir a atenção da outra pessoa. Mas eu acho que uma amizade mais saudável seria justamente ceder à competição, perceber a necessidade do outro e atender a ela. No entanto não existe relação nenhuma sem poder, segundo Foucault, estamos sempre em relações de poder com tudo que interagimos, até nós mesmos, por isso Francisco Ortega<sup>27</sup> fala que em uma amizade as relações de poder não podem se transformar em estados de dominação.

Uma pergunta feita no texto de Luciana Loponte me interessou bastante, “que docência pode emergir de grupos de formação, de redes de amizade?”, isso me lembra a bell falando sobre sua conexão com os alunos em sala de aula<sup>28</sup>. As aulas se tornaram locais de autoconhecimento, descoberta e carinho com o amor que ela tinha para com os alunos. Eu acho que a amizade pode trazer uma docência muito mais humana e muito mais efetiva, pensando em relações assim a escrita acaba também se tornando algo mais pessoal. Quando escrevemos

---

<sup>27</sup> Professor e pesquisador em Centro de Pesquisa em Antropologia Médica na Universitat Rovira i Virgili na Espanha.

<sup>28</sup> Ensinando a Transgredir, a educação como prática de liberdade.

pra amigos somos mais livres pra nos expressar do que quando escrevemos pra alguém que não temos relação alguma.

Se a academia fosse baseada em uma ideia de amizade e conexão, não vejo por que a escrita acadêmica também não fosse ser afetada por isso. Seria realmente revolucionário.

É ótimo porque chega em um ponto do artigo em que se discute exatamente o que eu falei no início a respeito dos escritores clássicos que “são a referência” porque se fala que Foucault chegou a um certo ponto de reconhecimento social e veneração que quando ele falava nunca surgiam dúvidas e ele mesmo comenta que se sentia solitário nesses momentos. As pessoas não ousavam perguntar nada porque ele era a autoridade com a palavra final a respeito e por isso se perdia muito do que poderia ser gerado através de discussões. Inclusive Foucault fala sobre relações horizontais como realmente agregadoras, mas ele mesmo não era capaz de aplicar essa teoria em suas aulas simplesmente porque quando ele dava uma aula se juntava uma multidão tão enorme que acabava criando um distanciamento entre ele e os alunos.

Mas eu realmente concordo com Foucault em relação a amizade ser um jogo pra se ter o mínimo de dominação. Primeiramente exposta a essa ideia eu acho que não entendi ela completamente, mas pensando como tudo é uma questão de poder, agora entendo isso como verdadeiro. Tudo isso veio do texto “Amizades: o doce sabor dos outros na docência”.

Um tema que me aquece o coração falando de amizade são as amizades femininas. Como a sociedade futiliza esse tipo de relação, mas como mulher e tendo vivido diversas amizades no tempo de escola, eu sei como é gostoso. Aquelas gurias que tu vêes todos os dias, que tu contas tudo porque tem uma rotina conjunta e aqueles momentos de intimidade contando segredos ou simplesmente imaginando situações impossíveis que seriam divertidas. Na época do colégio eu tinha várias amigas em um grupo grande e a gente saía juntas em festas, se encontrava pra tomar banho de piscina, pra ver filmes, pra ver a Copa do Mundo! Era tão bom! E depois que o colégio terminou esse tipo de relacionamento também terminou pra mim.

23/10/2021

*Diários nem tão secretos*

É engraçado porque quando comecei a fazer meu TCC eu pensei “não é tão horrível como todo mundo fala”, aí agora que eu preciso terminar de escrever meu TCC eu penso “é horrível como todo mundo fala”. Eu basicamente preciso escrever todos os dias a partir de hoje pra poder ter um trabalho de tamanho aceitável.

Enfim. Eu gostei bastante de um artigo que a Amary me enviou, o nome dele é “O diário é uma escrita íntima para ser mantida em segredo?”. Eu achei superinteressante porque as autoras<sup>29</sup> falam sobre o desejo de quem escreve de que algum dia alguém leia o que tem ali escrito. Eu, pessoalmente, escrevo meu diário sempre falando com a pessoa que supostamente leria e eu tenho essa fantasia no meu íntimo de que algum dia (depois que eu morrer, de preferência) alguém vá ler meus diários.

Tem um momento que elas se perguntam se quem não tem o desejo de ser lido pensa em destruir os diários. Sempre que eu passava por situações ruins e eu escrevia o que tinha acontecido nos meus diários eu pensava que eu queria colocar fogo nele. Só nele. O resto um dia poderia ser descoberto por alguém que se interessasse em ler. Teve situações que vivi que eu nunca registrei simplesmente porque não suporto a ideia de alguém algum dia descobrir. Não registrar pra mim é uma forma de esquecer, assim como registrar também é uma forma de esquecer, mas não pra sempre.

O que eu quero dizer é que no momento que eu escrevo algo, me sinto aliviada. O alívio me faz parar de pensar na situação e eu esqueço que aconteceu, mas se algum dia eu pegar aquele diário de novo posso relembrar. Quando eu realmente quero esquecer pra sempre eu não escrevo, eu falo em voz alta. Falar me traz certo alívio até que um dia esqueço... E esqueço pra sempre.

Já teve vezes em que eu precisava escrever, mas também precisava esquecer. O que eu fiz foi escrever e logo em seguida colocar fogo na folha. É uma prática que dá bastante certo pra mim.

---

<sup>29</sup> Esse artigo é escrito por cinco autoras, são elas Hideliza Cabral (UENF), Iêda Boechat (UENF/UNIFSJ), Raquel Moreira (UENF), Tatiane Tinoco (UENF) e Eliana Luquetti (UENF/UFRJ).

Esse mesmo artigo ainda traz elementos caracterizadores de um diário. A data, entradas, autenticidade, vestígios e, o que realmente me interessou, a intenção de seduzir outra pessoa. Meus diários sempre tiveram a data, mas como eu comecei a escrever muito jovem era só a data que colocava. Depois que fui crescendo passei a colocar também o horário e o local em que estava. Já a ideia de seduzir outra pessoa sempre esteve presente pra mim, eu sempre escrevi com o objetivo principal de ser muito clara, queria que me entendessem. À medida que fui melhorando na clareza comecei a entender como ser mais sedutora na minha escrita. Às vezes sendo brutalmente crua, às vezes sendo fingida.

É interessante que considerem diários como documentos históricos, com certeza eles são, mas também me peguei pensando em todas as vezes que eu menti no meu diário. Menti porque eu queria que tivesse sido diferente e se eu escrever que foi diferente, quem vai se lembrar que não foi? Quem vai poder contestar? Claro que os diários usados como registros históricos não buscam encontrar apenas uma verdade, isso tudo foi apenas um pensamento que surgiu pra mim agora.

Ah, não comentei um ponto básico a respeito desse artigo, ele fala que a Escrita Íntima são diários e autobiografias. Mas também fala que outras formas de escrita (romances, por exemplo) sempre podem acabar se entrelaçando com a história pessoal da autora e o fato de que nenhum tipo de escrita estar livre de quem somos me faz questionar se realmente apenas diários e autobiografias podem ser considerados Escrita Íntima. Eu acho que sempre vai existir algo de íntimo em todos os tipos de escrita.

Pessoalmente, o que torna um diário íntimo pra mim é o papel. Eu sei que tem pessoas que escrevem diários virtuais, eu mesma tenho um diário virtual que eu uso em momentos de excesso de informação a ser transmitida já que escrever no computador é muito mais rápido que escrever à mão. Mas eu sempre mantive meu diário principal a mão porque eu acho que existe uma intimidade gigantesca em pegar um caderno que tu sabe que a pessoa que escreveu encostou, levou pra lugares, provavelmente chorou em cima dele, pode ter desenhos (os meus tinham muitos desenhos que foram diminuindo à medida que fui ficando mais velha, mas atualmente busco ilustrar meus diários com mais frequência), pode ter uma mancha de algo que acidentalmente foi derrubado ali... Ou que foi colocado propositalmente. Perfume.

Uma dúvida que o artigo traz é “como terminam os diários?”. Isso é interessante porque a primeira resposta que me veio foi “o diário só termina porque o caderno não pode ter infinitas

páginas”. Esse é meu caso. Mas tem pessoas que escrevem apenas por uma época. Sem contar os diários virtuais que não tem um limite de páginas pra precisarem terminar. Nas últimas páginas dos meus diários eu sempre explico o que sinto por ele, às vezes eu agradeço o espaço que ele me trouxe e às vezes eu falo “finalmente terminando esse diário”. Tem cadernos que eu pego ranço, fico louca pra terminar eles, têm outros que eu me apego e fico chateada por ele terminar. Ainda tem outros que eu só sinto como “missão cumprida”. E geralmente eu falo nas últimas páginas qual o próximo caderno que eu vou usar pra continuar com o diário. Já se é um caderno que eu peguei ranço eu provavelmente já informei em páginas anteriores qual o próximo caderno.

Eu sei que essa é minha experiência com finais de diários. Eu cresci com duas amigas que também escreviam diário, uma delas eu sei que ainda escreve. Quando nova eu tentava convencer minhas amigas a escreverem também, mas basicamente ninguém realmente gostava de fazer isso. Elas diziam que gostavam de ter um diário escrito e era legal olhar, mas que escrever era chato.

Fui perguntar para essa minha amiga que ainda escreve como ela termina os diários dela e ela me disse que geralmente a última folha é toda rabiscada com coisas aleatórias (aquelas situações que tu quer fazer um desenho qualquer ou anotar algo aleatório), mas que as últimas páginas dela são de reflexão como o fechamento de um ciclo. É mais ou menos a mesma dinâmica que eu, também porque a gente cresceu juntas mostrando os nossos diários uma para outra. Fazíamos competição de quem tinha a letra mais bonita ou conseguia escrever reto sem linhas.

Agora escrevendo sobre tudo isso e pensando em autoras que destroem seus diários eu lembrei do filme *Efeito Borboleta*, de 2004. Claro que a história do filme é uma ficção, mas quando paramos pra pensar que ele era capaz de voltar em situações traumáticas quando lia seus diários isso me faz muito sentido. Muitas vezes a gente escreve essas situações terríveis como forma de se livrar delas, escrever é reviver e, pensando na realidade da escrita, se quisermos podemos reescrever o que aconteceu do jeito que gostaríamos de ter acontecido. Claro que isso não vai mudar o passado como no filme, mas é uma forma de trazer uma solução pra algo insolucionável. É uma forma de resolver consigo mesmo o que aconteceu. No final do filme o protagonista queima todos os seus diários e ele diz “eu não preciso de diários, eu sei quem eu sou”. É como se ele tomasse a decisão de qual versão ele tomou pra si, não é à toa que

no final ele consegue desfazer tudo que levou a situações traumáticas tanto em sua vida como na vida de seus amigos.

No final do artigo que comentei inicialmente tem o seguinte trecho:

Essa relação que verificamos entre o diário-segredo e o diário que pode vir a ser público ou o próprio diário virtual (blog), demonstra que a pessoa busca uma tentativa do autor de interagir, uma vez que ele mesmo se afastou da vida social em função de suas histórias particulares, buscando agora retomar esses contatos, ainda que seja de forma virtual.

É como se na concepção das autoras existissem três tipos de diário, aqueles que são secretos e provavelmente serão destruídos, os diários que possam vir a ser publicados um dia e aqueles que nascem já publicados que ela chama de diário virtual (blog). Quando a autora fala blog ela se refere às redes sociais, as que são mais utilizadas atualmente são o Twitter, Facebook, Instagram, WhatsApp e Telegram, pra listar os que me veem à mente primeiramente. Claro que tem outras redes e dependendo do país as redes sociais mais utilizadas mudam, além de países que têm suas próprias redes, como China e Rússia. Mas enfim, nesse artigo ela considera redes sociais como diários virtuais, eu chamaria diferente. Eu tenho um diário virtual no Word que ninguém tem acesso, eu chamaria de diário virtual um arquivo privado ou que tem acesso apenas pessoas selecionadas e chamaria de diário online as redes sociais.

Enfim, eu gostei bastante desse artigo sobre os diários serem feitos ou não pra serem expostos. É realmente uma escolha pessoal e acredito que publicar o diário de alguém sem autorização deveria ser crime igual ou pior ao de expor fotografias explícitas de pessoas sem permissão. O diário é realmente algo íntimo e artístico, mesmo que a pessoa não pense estar produzindo arte.

Claramente o diário se reinventa à medida que a sociedade muda, atualmente com as redes sociais a forma como nos comunicamos passou a ser mais imediatista e a maioria das pessoas não tem paciência de ler um textão, porém existe espaço para esses textos sim. Facebook é utilizado por pessoas mais velhas (PÁSCOA, 2015) e lá sempre tem extensos textos. Instagram é utilizado por pessoas mais jovens (ANDERSON & JIANG, 2018) e tem alguns textos longos, mas o foco da rede social são fotos e vídeos. Já o Tik Tok tem praticamente nenhum espaço pra texto e o foco todo são vídeos curtos e é basicamente usado por adolescentes e jovens adultos (CERVI, 2021). Parece que à medida que as novas gerações vão se expressando



tem menos espaço pra textos longos nas redes sociais, mas sempre terão redes alternativas e pessoas interessadas em ler relatos, histórias e o que for que os interesse.

Pensando em diários e em docência, eu vejo um enorme benefício em fazer diários online já que é uma grande oportunidade pra professoras e professores compartilharem experiências e também dicas, oportunidades, ideias. Eu mesma sigo uma professora de português no Instagram (sua página se chama @portuguescomleticia) e vejo alguns vídeos dela no YouTube (“Português com Letícia” se chama a página dela no YouTube, outra rede social que não citei anteriormente), quando tenho dúvidas de como pensar um projeto de aula ou dificuldade em compreender algum tema, sempre procuro na internet por professores que compartilham conteúdo online, já fui salva diversas vezes!

Muitos estudantes quando estão se formando agradecem ao Google, claro que fazem isso como piada muitas vezes, mas eu levo esse agradecimento bem a sério já que o Google é o buscador preferido (OLIVEIRA & FUNARO, 2012) da maioria das pessoas e ele ajuda todo mundo a acessar uma quantidade gigantesca de conteúdo todos os dias!

Outra forma que eu vejo em que os diários entram na docência de forma muito positiva são os diários de aula. Nos meus estágios obrigatórios em ensino médio e fundamental (infelizmente cursados em período pandêmico, ou seja, foi tudo online) eu mantinha um breve diário de aulas que depois foram pro meu relatório final. Essas breves anotações me ajudaram a prestar mais atenção em certos alunos e também a necessidades deles com relação ao conteúdo e até mesmo necessidades de suprir uma carência. Essa carência eu sei que está sempre presente no ambiente escolar (em que ambiente não está, né?), mas durante a pandemia essa necessidade de ser ouvido aumentou bastante.

Claro que eu posso encontrar ainda milhares de formas de um diário ajudar na vida docente, eu sou o tipo de pessoa que faz diários de tudo. Eu tenho um diário de filmes que assisti, diário de listas (sim, um caderno que faço listas), diário de sonhos, diário de ideias, diário de receitas (eu chamo de diário de receitas e não livro de receitas porque são receitas que eu mesma invento a medida que vou experimentando e faço anotações de como deve ser feito de acordo com o objetivo final)... Escrever pra mim é uma infinidade de opções, inclusive o Pinterest (ZHAI & DARRELL, 2017), outra rede social, traz diversas ideias de diários que às vezes fico olhando! Tem o Bullet Journal que é basicamente um diário onde tu podes organizar tua rotina e registrá-la, tem diário de retalhos que geralmente não inclui escrita, mas recortes...

A escrita é tipo o universo, infinita.

Figura 6 - Diversos diários que a autora alimenta.



Fonte: diários da autora.

24/10/2021

### *Educação cidadã*

Hoje eu tô lendo esse artigo chamado “O diário de formação em um programa de iniciação à docência: imaginários e dilemas dos escreventes” (DORNELLES E IRALA, 2013). É bem interessante porque esse artigo tem justamente a proposta que eu gostaria de implementar em meu mestrado (se eu conseguir entrar...) que é manter um diário docente pra que os alunos de PIBIC se expressem em suas experiências.

As autoras comentam que a escrita na docência está geralmente limitada a questões burocráticas (cadernos de chamada, atas de reunião etc) e ali não tem espaço pra que o docente exista. É justamente isso que eu penso, eu penso que a escola e a universidade trazem às pessoas uma forma limitante de escrita que morre quando saímos desses ambientes. Difícilmente as pessoas escrevem se não estão estudando e a maioria dos professores não se autoatualiza em sua área (diria que principalmente por falta de estímulos e oportunidades).

Outro ponto que dificulta o cultivo de uma escrita é o ensino tecnicista que as autoras comentam que foi implementado a partir dos anos de 1970, substituindo o ensino humanista. Isso me lembra o livro *Sem Fins Lucrativos* (que eu já citei anteriormente) que a autora, Martha Nussbaum, comenta como o ensino tecnicista desvalorizou o ensino das artes e passou a formar pessoas que deviam se encaixar em um mercado de trabalho já existente. A ideia de um ensino humanista é que as pessoas criem o mercado, é uma diferença enorme ser ensinado pra criar ou ser criado pra se encaixar.

O ensino tecnicista veio junto com as mudanças que o capitalismo estava sofrendo devido ao desenvolvimento tecnológico. À medida que fomos desenvolvendo computadores (que antigamente não pareciam nada com os computadores atuais) e programas e tecnologias diversas, era preciso contratar pessoas que soubessem mexer em tudo isso e pra que uma pessoa que vai lidar com máquinas precisa saber de artes? Por que alguém que vai ficar sentado em um escritório precisa aprender a debater? A desenvolver argumentos? Esse ensino passou a ser “desinteressante”, perda de tempo (NUSSBAUM, 2017).

Atualmente muitos professores e estudantes têm tentado fazer movimentos no sentido de resgatar esse ensino humanizado, esse ensino que constrói cidadãos. É justamente esse movimento que eu vejo acontecendo neste artigo. A escrita é uma arte, apesar de que muitos a utilizam apenas como um método e a tornam quadrada e triste.

As autoras trabalharam com “diários de formação” que elas dizem ser uma adequação do diário pessoal já que o objetivo dele é falar basicamente da docência, mas utilizando uma linguagem informal e podendo adicionar colagens e desenhos. Eu acho superlegal quando elas dizem que a ideia da escrita é a resignificação e reformulação porque eu sinto que isso acontece comigo também (relembrando o que eu disse anteriormente sobre o filme *Efeito Borboleta*). Toda vez que eu escrevo e conto algo que houve ou algo que sinto eu resignifico e reformulo aquilo que sinto a respeito. Às vezes vivo situações que eu não entendo bem e quando escrevo eu percebo melhor o que, afinal, foi tudo aquilo. Escrever ajuda a processar e trabalhar dentro de si situações, é um processo de amadurecimento pessoal e fazer isso na docência deve ser uma boa oportunidade para rever situações e avaliar se lidou com ela da melhor forma ou até como tirar o melhor proveito de experiências.

25/10/2021

*A realidade paralela das fake news*

Ontem eu comecei a escrever de noite e eu tava com fome! À medida que fui escrevendo a fome foi crescendo e foi impossível seguir o trabalho, tive que ir comer e depois direto dormir. O fato de eu não conseguir continuar pensando por estar com fome me lembrou da situação terrível de grande parte da população brasileira, a insegurança alimentar (ARAUJO & LOPES, 2021). Fiquei pensando comigo mesma que terrível seria eu não poder parar de escrever pra comer e que provavelmente não teria capacidade de voltar a escrever se não matasse minha fome.

Se alimentar é um direito básico e pensar que hoje em dia, com a produção em massa de alimentos, tanta gente passa fome... Volto de novo pro capitalismo, como ele é cruel. Lembro também do livro *Os Sertões* (CUNHA, 2010)<sup>30</sup> que conta a história de Canudos, uma cidade construída pra que todos que lá vivessem tivessem direito à terra e à alimentação. A gente precisava ter iniciativas canudenses na vida pra que todos pudessem se alimentar, claro que essa ideia não vem sem certo medo ao lembrar o fim de Canudos.

Certas pessoas precisam vender suas almas pra poderem ter o básico dos Direitos Humanos. Eu acho que o problema de tudo não é a falta de empatia das pessoas, mas sim o sistema que estamos inseridos. Pessoas que não passam fome simplesmente não veem as pessoas que passam, não conhecem elas, não estão próximas de sua realidade. Nós temos uma segregação gigantesca, quem tem uma boa vida conhece uma realidade, quem não tem é outra realidade... Se as pessoas não vivessem em uma realidade tão automatizada e houvesse mais verdadeira interação humana e laços dentro das comunidades eu duvido que a gente tivesse um índice tão alto de miséria e insegurança alimentar.

No livro *Ensinando a Transgredir*, bell comenta que existe uma enorme quantidade de desinformação sendo disseminada e que as pessoas se apegam a elas. Se na época que ela escreveu esse livro, ele foi publicado em 1994 (primeira edição), as fake news já eram uma realidade, época em que não havia redes sociais como existem hoje, não tinha os famosos “tio do zap” e muito menos robôs pra enviar mensagens em massa... Se nessa época as fake news já eram um problema, imagina atualmente?! As pessoas passam mais tempo com seus celulares

---

<sup>30</sup> A primeira versão deste livro foi publicada em 1902.

e computadores em realidades paralelas do que realmente percebendo a realidade em que estamos inseridos, os enormes problemas sociais que vivemos.

As fake news afastam não apenas as pessoas de uma realidade mais conectada com a comunidade, mas também afastam as pessoas de desejarem desbravar novas realidades educativas. O medo da educação sexual nas escolas por acreditar que se trata de “ensinar as crianças a fazer sexo” e não a verdade, ensinar as crianças a se protegerem e entenderem melhor sua realidade corporal! Se em algo tão básico nos negam o ensino e aprendizagem realmente vejo sérios problemas pra escrita que passa a ser um problema praticamente esquecido.

Ontem eu conheci uma mulher de 54 anos que não cursou ensino superior, mas claramente é uma pessoa esclarecida. Uma pessoa que tu conversas e ela sabe argumentar perfeitamente. Ela me disse que não gosta de escrever, não sabe fazer redação porque é muito difícil. Eu fiquei pensando comigo mesma que basta ela escrever literalmente o que ela está falando que seria super claro! Mas não foi isso que ela aprendeu desde cedo na escola, como a maioria dos educandos, ela aprendeu que é preciso seguir uma receita pra escrever e por isso pra ela a escrita parece tão impossível e improvável de acontecer como algo prazeroso.

Conhecer pessoas assim, absolutamente capazes de escrever, mas que se dizem incapazes devido ao ensino que receberam, é, infelizmente, muito comum. Essas pessoas, apesar de não saberem claramente, consideram a escrita não acadêmica como inválida.

Eu ia finalizar os comentários do artigo que iniciei ontem, mas já começou minha aula de literatura brasileira, então vou precisar deixar pra depois.

26/10/2021

### *A ortografia é uma convenção*

Oi! Vim terminar os comentários do artigo “O diário de formação em um programa de iniciação à docência: imaginários e dilemas dos escreventes”! As autoras falam sobre os dilemas que surgem na hora de escrever, questões que são desafiadoras aos docentes, isso me lembra novamente o *Ensinando a Transgredir* em que bell comenta como a implementação de um ensino multiculturalista (ou a tentativa de implementação) trouxe medo e incertezas pros professores a ponto de eles abandonarem essas ideias inovadoras e se refugiarem no ensino

tradicional. A escrita de diários (seja um diário docente ou não) nos ajuda a refletir e encarar as situações de forma mais tranquila já que ele traz justamente a oportunidade de refletir e trabalhar dentro de nós mesmos os medos e incertezas.

Pensando nos dilemas, eu acredito que eles são perfeitamente saudáveis, o que pode ser tóxico é a forma como lidamos com eles. As pessoas se desesperam, não conseguem parar pra refletir. Bell comenta que no momento que o multiculturalismo foi pensado em sala de aula os professores perceberam que perdiam autoridade já que não existia apenas uma verdade, mas diversas e que os alunos tinham autoridade sobre essas diversas verdades. O fato de os alunos se empoderarem diante daqueles que estavam acostumados a ser a grande autoridade assustou os docentes.

Claro que diários não são a solução de tudo, inclusive eles podem trazer limitações. Se os docentes estiverem escrevendo pensando exclusivamente na obrigação daquela tarefa, se estiverem escrevendo porque precisam, sua escrita pode ser mais robótica e menos libertadora. Eu acredito que não basta simplesmente entregar um caderno pra os docentes e dizer “escrevam” justamente por toda a ideia preconceituosa que a maioria das pessoas tem a respeito. Seria interessante trabalhar essa escrita e trabalhar a relação que se tem com o diário como se ele fosse realmente uma pessoa. A ideia de ver o diário como uma pessoa faz muito sentido pra mim porque escrever é basicamente uma forma de encarar a mim mesma, é como se o diário rebatesse o que eu digo, argumentasse comigo, a outra pessoa que o diário é, é um reflexo de quem escreve nele.

Uma questão que eu não sei se concordo que o artigo traz é a possibilidade de que redes sociais (redes sociais é utilizado aqui não como as que comentamos anteriormente como Facebook e Instagram, mas sim como as redes que as pessoas criam com outras) possam acabar suprimindo a necessidade que os diários deveriam suprir. Claro que eu falo isso através da minha experiência pessoal e não sei qual a experiência de outras pessoas (até porque é muito difícil encontrar mais alguém que escreva), mas nada substitui pra mim o que a escrita íntima me proporciona. Na verdade, as relações sociais com outras pessoas me trazem um peso que somente escrevendo consigo descarregar então é definitivamente o contrário pra mim, não tem como substituir a escrita por relações humanas (não que a escrita também não seja uma relação humana).

Obviamente se chega a uma conclusão que eu vejo como essencial, é preciso inovar o estudo e ensino de língua portuguesa pra que faça sentido com nossa realidade, pra isso são necessárias novas políticas de formação. Apesar de eu achar (eu, dentro do meu mundo e da minha mente) que é bastante clara essa necessidade, dificilmente eu vejo algo sendo feito pra mudar a forma como nos relacionamos com a escrita e o português. Isso me lembra uma situação em meu estágio obrigatório em que eu disse pros alunos escreverem o que entenderam sem precisar se preocupar com a formalidade da escrita, apenas escrever. A maioria escreveu do jeito mais quadrado que sabia, mas um deles escreveu exatamente da forma como ele pensava e eu lembro que levei um susto porque tinha vários erros de ortografia, além de estar confusa a explicação. Eu tirei diversas conclusões desse acontecido. Primeiro eu pensei que se os alunos escrevessem como pensam com maior frequência e lessem a si mesmos (com um intervalo de alguns dias entre a escrita e a leitura) eles poderiam ter a percepção de que podem deixar seus textos mais claros, mas como eles escrevem como pensam não é apenas o texto que ficará mais claro, mas também seus pensamentos. A ideia é que a escrita reflita o interior deles e quando falo em escrever e pensar mais claramente, não tem apenas um jeito (uma receita) pra escrever e pensar claramente, muito pelo contrário, existe uma infinidade de formas pra se expressar e ser compreendido, cada um iria desenvolver seu próprio jeito. Outro pensamento que me veio desse acontecimento foi por que apenas um aluno entre tantos teve a coragem de escrever livremente? O que inibe tanto a liberdade desses alunos na hora de escrever? A primeira resposta que me vem à mente é “construção social”. E por fim eu pensei que eu preciso aprender a não me assustar com a escrita que contenha erros de ortografia porque eles são uma questão secundária, a partir do momento que a mensagem do texto passa a ser o essencial e criticar a ortografia sempre acaba fazendo os alunos se sentirem envergonhados. Minha professora de fonética na letras diz que a ortografia é uma convenção criada pra padronizar a escrita e a gente não deveria dar mais valor a isso do que o verdadeiro que ele carrega, é uma convenção. Uma vez a mensagem sendo entregue o objetivo daquela escrita está cumprido.

Em seguida Clara e Valesca (as autoras do artigo, reparei que não disse o nome delas até agora e acho injusto com o trabalho citar apenas o nome do artigo, vou tentar me policiar pra não fazer mais isso) comentam como foi a dinâmica dos diários. Cada participante escrevia e existia uma intercambialidade entre os diários, ou seja, basicamente todos tinham acesso ao que todos os outros produziram. A ideia era que a escrita não fosse apenas uma questão burocrática. Eu, pessoalmente, não sei lidar muito bem com alguém lendo um diário meu justamente pelo fato de que eu sou brutalmente honesta no que eu penso e sinto, muitas coisas

que eu penso não estão atreladas ao senso comum então o que eu quero dizer não é o que o senso comum entenderia. Uma palavra que tem um peso por sua história social pra mim pode ter simplesmente o significado seco de um dicionário e não carregar a história social, mas a história que a palavra carrega dentro de mim mesma (e eu não fico explicando a história de cada palavra em meus diários porque isso seria terrivelmente maçante). Além de que eu sou uma pessoa muito raivosa em pensamentos, reajo internamente de forma violenta e até má, conseguir ser honesta em um diário que outros irão ler e vão tirar sabe-se lá que conclusões... Seria bem difícil pra mim.

Mas, apesar desse meu medo, vendo a proposta que elas tinham com a leitura dos diários pra “identificar os dilemas e imaginários emergentes e suas motivações”, soa como algo tão intencionalmente positivo que provavelmente valeria correr o risco.

27/11/2021

### *Comentários pós apresentação para a banca*

Eu estava revendo tudo que a banca disse a respeito do meu trabalho e eu percebi que corrigir este trabalho a partir do que a banca me propôs seria praticamente refazer partes enormes da minha escrita, por isso eu pensei que faria sentido adicionar um último capítulo para rever onde eu errei neste trabalho e como eu poderia melhorá-lo. Claro que erros pontuais eu já ajetei, aqui vou tratar de questões mais amplas.

Vou iniciar com os comentários do professor Edison Luiz Saturnino. Ele comenta como eu fui extremamente crítica com relação a escrita protocolar em artigos acadêmicos e que ele tem encontrado sim muitos trabalhos que são criativos e fogem do comum. Eu fiquei refletindo a respeito deste comentário e percebi que eu realmente critico a academia como um todo sem fazer diferença entre as áreas. Como minha formação é licenciatura em biologia eu pensei muito nos artigos científicos relacionados a ciências biológicas e não parei para pensar em outras áreas (diversas e incontáveis que existem) que certamente não são como a biologia. Pensando nisso eu certamente fui muito generalista em minhas críticas e acredito que todas as áreas (incluindo a biologia) estão sim mudando e melhorando sempre na sua forma de se expressar em artigos cada vez mais criativos e com escritas não tão protocolares.

O próximo ponto que o professor traz é o quanto eu falo da escrita como prática de liberdade como se ela fosse ilimitada e perfeita, mas que a escrita está sujeita a convenções e a “regimes



de liberdade” (ele diz que foi Foucault quem usou esse termo) e que por mais libertária que ela possa ser, ela também é limitada. Claro, como eu comento na introdução do meu trabalho, é preciso usar a língua do opressor para poder se comunicar com a maioria das pessoas. Acredito que nenhuma área, nenhuma forma de se expressar esteja livre de convenções e regimes de liberdade. Eu devo ter dado a entender que a escrita é infinita e liberta porque eu me sinto assim quando escrevo, mas eu também sinto diversas limitações quando não encontro palavras ou quando a forma que eu gostaria de me expressar foge do padrão e se torna “socialmente inaceitável” ou até difícil de entender. Percebo sim que a escrita é limitada, mas justifico minha emoção em escrever dessa forma porque é como me sinto a respeito de escrever.

Mais um ponto que Edison pontuou e eu acho o mais difícil de esclarecer são comentários que eu faço ao longo do texto que diz “aprendizagem mais real” e “conexão verdadeira”, além de usar muito a palavra “totalmente” ao longo do meu texto. Ele me perguntou “o que é uma aprendizagem real e uma conexão verdadeira?”. Realmente eu não explico ao longo do meu texto o que eu quero dizer com isso e é verdadeiramente uma forma pouco acadêmica de me explicar. Mas eu acho que quando eu uso essas palavras (real, verdadeira, totalmente) eu sempre quero dizer que tem relação com os sentimentos. Um aprendizado real é aquele que me toca sentimentalmente e por criar uma “conexão verdadeira” com esse aprendizado, eu não vou esquecer, eu não vou apensar decorar aquilo porque eu aprendi “totalmente”. O professor Edison sugere que eu suavize esses termos ao longo do meu trabalho e eu achei muito difícil fazer isso e por isso preferi vir aqui me justificar diante o uso, provavelmente excessivo, desses termos.

Um comentário genial do professor Edison que mostra minha hipocrisia é de que eu reclamo bastante ao longo do texto sobre ter que ouvir meus colegas falando em aulas e como eu não gosto disso, mas que eu obrigo quem ler meu TCC a ouvir tudo de mim e de minha vida. Eu achei genial e realmente, eu faço isso. Claro que eu aula eu sou obrigada a estar ali ouvindo a pessoa falar, já meu TCC lê quem quer, mas o professor Edison como banca foi obrigado a ler e obrigado a ouvir minhas lamúrias. Eu vejo minha hipocrisia e acho genial ele pontuá-la.

Já os comentários da professora Heloisa Junqueira são mais difíceis de citar de forma direta. Ela é uma mulher que entende a subjetividade das situações, dos textos e até das pessoas e justamente por essa percepção a fala dela também é muito subjetiva, por isso já aviso que vou me esforçar aqui para explicar os pontos que ela destacou do meu trabalho e explicá-los claramente, mas talvez eu não tenha total sucesso.

Ela pergunta o que dá mais ou menos legitimidade científico social? Eu penso que seja a publicação de determinados artigos em revistas que são muito bem avaliadas pela comunidade científica. Não consigo ver a Revista Science publicando algo na mesma linha que eu escrevi, por exemplo, e essa revista é considerada uma das melhores. Claro que o fato de artigos não serem aceitos em revistas renomadas não quer dizer que o artigo seja ruim, mas que ele não está dentro desse padrão tão discutido aqui.

A Heloisa também faz perguntas parecidas com as de Edison quando fala “de que academia estamos falando?” no momento que se afirma que existem muitos artigos científicos bem diferentes e não protocolares sendo publicados. Ela comenta sobre o instituto de artes e eu penso que muitas vezes o problema talvez não seja o fato de “não existir artigos diferentes”, eles existem sim, mas as pessoas não levam eles a sério, não os veem como verdadeira ciência.

Um comentário final que a professora diz que eu preciso ajeitar é que uso muitos advérbios terminados em “mente”. Ela diz que isso trava o texto. Meu TCC foi justamente escrito em fluxo de pensamento e eu me nego a trocar os advérbios terminados em mente por um motivo que não faz sentido para mim, então apesar de ter essa crítica eu vou ignorá-la.

### 3 CONCLUSÃO

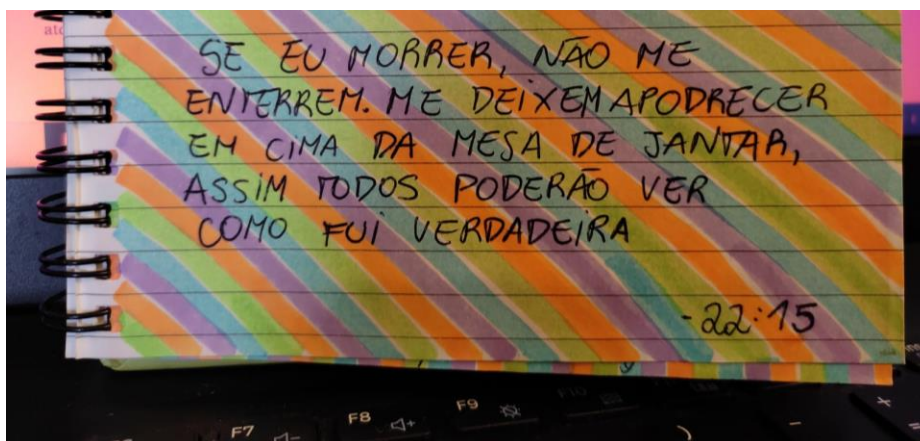
Após meses escrevendo este trabalho a primeira conclusão que eu chego é de que é possível escrever um TCC com muito prazer quando se está dentro dos seus limites pessoais de escrita e não seguindo um padrão que traz sofrimento pelo distanciamento entre a estudante e o texto. Como falado no início do diário, “é como se a gente fosse o santo que tá escrevendo”.

Mudar a forma de ensinar a escrita nas escolas e universidades não se trata de apenas dar aulas com outros conteúdos, é necessária uma mudança de método, uma mudança de prioridades, é necessária uma pedagogia amorosa que pense a amizade, pense a inteireza das estudantes e professoras, é preciso uma pedagogia que enxergue as pessoas. Escrever é um ato político e devemos lutar por uma política mais humanizada e menos centrada no individualismo que o capitalismo tanto prega em nossas vidas. Escrever atualmente é um ato de resistência, mas em um mundo ideal seria apenas um ato de existência.

A escrita de diários poderia ser uma pedagogia pra trabalhar em si mesmo dentro das escolas e pra se conectar com o tipo de escrita de cada estudante. A escrita de diários como prática de liberdade. Lutar contra a padronização e escrita protocolar. É possível escrever de forma clara tendo um estilo próprio, as estudantes apenas precisam ser estimuladas a desenvolver seu raciocínio lógico e ter a liberdade de “usurpar” a academia.

A partir da ideia de que o pessoal é político, encontramos uma brecha maior para trazermos nossos corpos e nossas experiências para dentro das escolas e universidades. Quanto mais pudermos existir inteiramente nesses ambientes, maior vai ser a necessidade de uma expressão que nos represente.

Figura 7 -



Fonte: diário da autora.

#### 4 REFERÊNCIAS

- Anderson, M., & Jiang, J. (2018). Teens, social media & technology 2018. *Pew Research Center*, 31(2018), 1673-1689.
- Anzaldúa, G., de Marco, É., de Lima Costa, C., & Schmidt, S. P. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, 8(1), 229-236.
- Cabral, H. L. T. B., Boechat, I. T., Moreira, R. V., Tinoco, T. D. S. L., & Luquetti, E. C. F. O DIÁRIO É UMA ESCRITA ÍNTIMA PARA SER MANTIDA EM SEGREDO? 168.
- Cardoso, S. G., Machado, A. M., & Rego, T. C. (2020). A produção de texto para ingressar no ensino superior: os desafios da docência perante uma escrita protocolar. *Mnemosine*, 16(1).
- Cervi, L. (2021). Tik Tok and generation Z. *Theatre, dance and performance training*, 12(2), 198-204.
- Costa, L. B. D. (2014). Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista digital do LAV*. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio/ago. 2014), p. 65-76.
- Cunha, E. D. (2010). Os sertões.
- Daka, A. (2021). TRANSCRIÇÕES AUTOPOÉTICAS: variações artísticas de uma investigação docente. *Linha Mestra*, (44), 296-301.
- de Araújo, M. L., de Deus Mendonça, R., Pereira, S. C. L., & Lopes, A. C. S. (2021). Dimensões da escala brasileira de insegurança alimentar na atenção primária à saúde. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, 16, 56822.
- Dornelles, C., & IRALA, V. B. (2013). O diário de formação em um programa de iniciação à docência: imaginário e dilemas dos escreventes. *Diários reflexivos de professores de línguas: ensinar, escrever, refazer (-se)*. São Paulo: Pontes Editores Editores, 17-38.
- Hanisch, C. (1969). The personal is political.
- Hermann, N. (2005). Ética e estética: a relação quase esquecida (Vol. 193). Edipucrs.

- hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Loponte, L. G. (2009). Amizades: o doce sabor dos outros na docência. *Cadernos de Pesquisa*, 39, 919-938.
- LORDE, A. (2020). *Sou sua irmã: escritos reunidos*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora.
- MERUANE, L. (2019). Tornar-se Palestina. Gaza parecia fechada com cadeado, e a chave havia sido engolida por Israel. Piauí, Edição, 155.
- MOTTA, M. D. B. (2001). *Michel Foucault: estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Ines Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Nussbaum, M. (2017). *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*. WWF Martins Fontes.
- Oliveira, E. S. D. M., Pereira, E. H. S., Araújo, L. B. D., Saliba, M. I. F., & Funaro, V. M. B. D. O. (2012). Google: um fenômeno informacional?. *CRB-8 Digital*, 5(1), 54-65.
- Páscoa, G. M. G., & Gil, H. M. P. T. (2015). Uma nova forma de comunicação para o cidadão sênior: Facebook. *Revista Kairós: Gerontologia*, 18(1), 09-29.
- Pereira, M. H. D. R., & Pereira, M. H. D. R. (1987). *A república. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira*, 9.
- Pinto, S. C. D. O. (2021). *Adoecimento mental e ensino superior: uma análise do direito à saúde mental dos/das discentes de graduação da UFRN (Bachelor's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Norte)*.
- Rich, A. (1971). *The burning of paper instead of children. The will to change: Poems 1968-1970*.

Zhai, A., Kislyuk, D., Jing, Y., Feng, M., Tzeng, E., Donahue, J., ... & Darrell, T. (2017, April). Visual discovery at pinterest. In *Proceedings of the 26th International Conference on World Wide Web Companion* (pp. 515-524).